



**Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga
Faculdade de Filosofia**

“TÁSSE” A LER NO VALE DO MINHO

Promoção do Livro e da Leitura nas Bibliotecas do Vale do Minho

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para a obtenção do grau de mestre em Ciências da Informação e da Documentação

Por: Sandra Isabel da Rocha Silva



Dezembro de 2010



**Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga
Faculdade de Filosofia**

“TÁSSE” A LER NO VALE DO MINHO

Promoção do Livro e da Leitura nas Bibliotecas do Vale do Minho

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para a obtenção do grau de mestre em Ciências da Informação e da Documentação

Por: Sandra Isabel da Rocha Silva

Sob Orientação do Professor Doutor Albertino Gonçalves



Dezembro de 2010

**Ao Nuno e ao Júlio
aqueles que sem estar
estão sempre comigo.**

Agradecimentos

Este espaço é dedicado a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao Professor Albertino Gonçalves pelo rigor e profissionalismo da sua orientação e pela disponibilidade manifestada em todas as ocasiões.

Aos Responsáveis das Bibliotecas do Vale do Minho pela colaboração na entrega dos questionários e pelo fornecimento de informação acerca de todas as acções recorrentes do projecto.

Aos meus colegas e amigos pela amizade e pelo apoio que durante todo este tempo me dedicaram e que tão importante foi para esta caminhada.

À Nocas e à Susete pela disponibilidade e carinho com que me ajudaram em tantos aspectos.

Ao meu irmão, cunhados, sobrinhos e sogros pelo carinho, pelo encorajamento e sobretudo por acreditarem em mim.

À minha mãe e ao meu marido, as duas pessoas mais importantes da minha vida e os meus dois pilares, sem os quais nada disto teria acontecido. Obrigada pelo vosso amor incondicional.

Resumo

O presente trabalho surge no âmbito do projecto “Tásse” a Ler, cujo objectivo primordial é combater a iliteracia em jovens, dos cinco concelhos do Vale do Minho, cujo risco de insucesso e abandono escolar é por demais evidente.

Nos dias de hoje, em que as novas tecnologias ocupam um lugar de destaque nesta sociedade chamada “sociedade da informação” e o livro tende a ser preterido em relação a estas, torna-se muito importante promover acções que incentivem os jovens à leitura contribuindo para a sua literacia e para o seu crescimento pessoal e intelectual.

Para que este projecto resulte importa demonstrar que a interacção do livro com as tecnologias e os multimédia é possível e que adquirindo competências em literacia da informação e da leitura os níveis de êxito escolar aumentam.

Com este trabalho, pretende-se contribuir para a criação de hábitos de leitura, designadamente entre a população escolar do 3º ciclo, de modo a promover a alfabetização, literacia e formação contínua dos jovens, de forma a aumentar o seu êxito escolar. Para além disso, chama-se a atenção para o papel que as Bibliotecas, quer escolares quer municipais, desempenham como promotoras do livro e da leitura e como mediadoras no acesso, processamento e uso da informação.

Palavras-chave: Promoção da Leitura – Biblioteca – Literacia – Insucesso escolar

Abstract

This work comes under the project "Tásse" a Ler, whose primary objective is to combat illiteracy in young people, the five districts of the Minho Valley, whose risk of failure and dropout is all too evident.

Today that new technologies occupy a prominent place in this society called "information society" and the book is always neglected in the latter case, it is very important to promote measures that encourage young people to contribute to their reading literacy and for his intellectual and personal growth.

For all this we must show that the result of interaction with the book and multimedia technologies is possible that acquiring skills and information literacy and reading levels of academic achievement increases.

This work is intended to contribute to the establishment of reading habits, particularly among school students in the 3rd cycle in order to promote literacy, literacy and training of young people in order to increase their academic achievement. In addition, calls attention to the role that libraries, either municipal or school, play as promoters of books and reading and as mediators in accessing, processing and use information.

Keywords: Promotion of Reading - Library - Literacy - school failure

Índice

Agradecimentos	II
Resumo.....	III
Abstract.....	IV
Índice.....	V
Índice de Tabelas	VII
Índice de Gráficos	VIII
Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico.....	5
1.A leitura	6
1.1 Literacia em Portugal.....	7
1.2 Leitores e leituras do século XXI	10
1.3 Hábitos de leitura, insucesso e abandono escolar.....	15
2. O papel das Bibliotecas.....	21
Capítulo II – O projecto e a região do Vale do Minho	26
3.A região do Vale do Minho	27
3.1 Contexto Social e Político	27
4.Os níveis de literacia, abandono e insucesso escolar.....	28
5.As Bibliotecas Municipais	31
6.O projecto “Tásse” a ler.....	33
6.1 Descrição das actividades	35
6.2 Fundo bibliográfico, divulgação e imagem do projecto	36
Capítulo III – Estudo Empírico	38
7.Apresentação do estudo empírico.....	39
7.1 Opções metodológicas.....	40
7.2 Técnicas de recolha de dados.....	41
7.2.1 O inquérito por questionário.....	41
7.2.2 Observação participante	42
Capítulo IV – Análise dos dados e das acções.....	44
8.Questionário inicial	45
8.1 Caracterização da amostra	45
8.2 Relação com as Bibliotecas	47
8.3 Relação com a leitura	50

8.4 Tipo de leitura	52
8.5 Multimédia	55
9. As acções do “Tásse” a ler.....	57
9.1 Escrita mal comportada.....	57
10. Questionário final de avaliação	60
11. Outras avaliações.....	66
11.1 Breve avaliação das restantes acções	66
11.2 Outras avaliações.....	68
Capitulo V – Conclusões e trabalho futuro	69
12. Conclusões.....	70
13.Trabalho futuro	74
Bibliografia.....	75
Anexos	83
Anexo I – Imagem do projecto.....	84
Anexo II – Inquérito 1	85
Anexo III – Inquérito 2	91

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Estimativa da População Residente (2004) por município do Vale do Minho	29
--	----

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Índice de Envelhecimento por Unidade Territorial	29
Gráfico 2 - Taxa de analfabetismo nos municípios do Vale do Minho.....	30
Gráfico 3 - Distribuição da população residente por grau de ensino	31
Gráfico 4 – Sexo dos inquiridos.....	46
Gráfico 5 – Idade dos inquiridos.....	46
Gráfico 6 – Escolaridade dos inquiridos por concelho.....	47
Gráfico 7 – Frequência da Biblioteca por sexo.....	47
Gráfico 8 – Frequência da Biblioteca por concelho	47
Gráfico 9 – Biblioteca Frequentada	48
Gráfico 10 – Inscrição na Biblioteca	49
Gráfico 11 – Inscrição na Biblioteca por sexo	49
Gráfico 12 – Serviços procurados na Biblioteca.....	50
Gráfico 13 – Significado da leitura.....	51
Gráfico 14 – Local favorito de leitura.....	51
Gráfico 15 – Companhia para ler	52
Gráfico 16 – Tema preferido de leitura.....	52
Gráfico 17 – Leitura actual	53
Gráfico 18 – Razão que leva a ler um livro	54
Gráfico 19 - Meio utilizado para ver os programas preferidos.....	55
Gráfico 20 – O que mais gostas de ver	55
Gráfico 21 – O projecto correspondeu às expectativas.....	60
Gráfico 22 – Preferência de sessão	61
Gráfico 23 – Calendário das sessões.....	61
Gráfico 24 – Aumento do gosto pela leitura	62
Gráfico 25 – Aumento da leitura.....	62
Gráfico 26 – Número de livros.....	62
Gráfico 27 – Número de livros por sexo	63
Gráfico 28 – Aumento do interesse pela escola por sexo	63
Gráfico 29- Continuidade no projecto por concelho	64
Gráfico 30 – Opinião acerca das seguintes frases	65
Gráfico 31 – Sugestões para o projecto	65

Introdução

“Os jovens, entre a infância e a idade adulta, desenvolvem-se como membros individuais da sociedade com a sua própria cultura. As bibliotecas públicas devem compreender as suas necessidades e fornecer serviços que as satisfaçam. Devem providenciar-se materiais, incluindo recursos de informação electrónica, que reflectam os seus interesses e cultura. (...) Devem ainda ser organizados programas relevantes e palestras para jovens. “

*Os serviços da Biblioteca Pública: directrizes da IFLA/UNESCO.
Lisboa: Caminho, 2003*

Os níveis de leitura do nosso país, a avaliar pelos resultados globais de estudos nacionais e internacionais realizados nas duas últimas décadas, no domínio da leitura, são preocupantes.

Portugal revela níveis de literacia muito baixos, significativamente inferiores à média europeia, tanto na população adulta, como entre crianças e jovens em idade escolar.

De facto, se recuarmos ao início dos anos 90, deparamo-nos com níveis elevados de iliteracia que colocam Portugal nos últimos lugares à escala mundial. A leitura apresenta-se como uma prática pouco comum entre as restantes actividades culturais dos jovens.

No entanto, muito se tem apostado nas políticas culturais e na construção de novas bibliotecas cujo principal objectivo é promover o livro e a leitura, utilizando tudo o que está ao seu alcance para isso.

Então o que estará a falhar na promoção da leitura e no aumento das competências leitoras, principalmente nos jovens?

Foi para dar resposta a estas questões e a estes problemas que a Rede de Bibliotecas do Vale do Minho concebeu o projecto “Tásse”a Ler como forma de promover a leitura junto de um público com grandes dificuldades de aprendizagem e grande risco de abandono escolar. Outra razão pela qual este projecto surgiu relaciona-se com a constatação de que os jovens que frequentam o 3º ciclo não desfrutam de tanta atenção por parte destes serviços como outras faixas etárias, ou seja, são muitas as actividades que se promovem, com o livro e a leitura como pano de fundo, para o público pré-escolar e 1º e 2º ciclo. No entanto, embora existam algumas actividades para pré-adolescentes e adolescentes (3º ciclo), concluiu-se que não existia uma continuidade capaz de obter resultados seguros e alicerçados que incutissem, nestes jovens, o hábito de ler e, conseqüentemente, lhes facultasse competências literárias uma vez que a leitura é transversal a todos os saberes.

Desde a sua génese, este projecto aposta no talento do mediador cultural, convidado para o desenvolver, qualificado para formatar actividades capazes de prender a atenção de um público que, estando a entrar na adolescência, se torna mais susceptível de criar barreiras difíceis de transpor.

Criar actividades cujo campo de trabalho e ferramentas utilizadas lhes proporcione uma liberdade para expor, ler e contar fora dos lugares comuns, como seja a escola e a sala de leitura da biblioteca. Utilizar tecnologias, conversar e deixar que divaguem sobre os livros e as leituras (grandes ou pequenas) que fazem pode ser uma óptima ferramenta que utilizada convenientemente e continuamente pode dar frutos a curto prazo.

Esta dissertação divide-se em 5 capítulos:

Cap. I – Enquadramento Teórico – Onde é abordado o problema da leitura, a sua importância e o papel de diversos agentes sociais envolvidos. Depois são mencionados vários estudos que nos apresentam os níveis de literacia no nosso país. Posteriormente falamos de leitores e leituras do séc. XXI, da sua evolução, das suas mudanças e dos seus desafios.

Entrando já num dos pontos fundamentais deste estudo, abordamos também os hábitos de leitura relacionados com o insucesso e o abandono escolares, seguindo-se do papel das bibliotecas neste problema e na sua solução.

Cap. II – O Projecto e a Região do Vale do Minho – Neste capítulo apresentamos a região onde é desenvolvido o projecto, avaliamos os níveis de literacia e as taxas de abandono e insucesso escolar, estudamos o papel das bibliotecas desta região. A partir desta problemática, encaramos o projecto em si, as suas acções, as ferramentas de trabalho, a imagem e as tecnologias envolvidas.

Cap. III – Estudo Empírico – Esta parte debruça-se mais sobre o trabalho de campo e as opções metodológicas adoptadas.

Cap. IV – Análise dos dados – Neste capítulo é caracterizada a amostra considerada e são apresentados os resultados obtidos.

Cap. V – No último capítulo, são apresentadas as conclusões mais importantes do estudo. É também perspectivada a continuidade deste projecto por mais um ano lectivo.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

1. A Leitura

Não se nasce leitor, aprende-se a ler. Nos primeiros anos de vida, de tudo aquilo que temos de aprender ao entrar na escola, a leitura e a escrita são seguramente as mais importantes: *“a aprendizagem da leitura (bem como da escrita) é um processo complexo de construção que tem o seu início muito antes da entrada no 1º ciclo do Ensino Básico. (...) Dada a sua complexidade, para o sucesso nestas aprendizagens contribuem factores cognitivos, linguísticos, motivacionais, sociais e pedagógicos (entre outros) (Viana & Leal, 2002, p. 93).* O domínio destes instrumentos básicos de aprendizagem dita o início de um processo que nos integra na chamada sociedade do conhecimento.

Desde há muito que psicólogos e educadores se debatem com a dificuldade, apresentada por uma percentagem de crianças, de ler e escrever, o que resulta num decréscimo do seu aproveitamento escolar. Muitos foram os factores e os problemas apontados mas nenhum tido como causa real à origem deste problema, antes pelo contrário, muitos autores defendem que há todo um conjunto de factores dos quais procede a dificuldade de leitura.

Mas não foi para discutir este problema que fizemos este estudo, e sim para perceber quais as consequências que dele advêm e o que podemos fazer para inverter esta situação, quando temos consciência de que pertencemos a uma sociedade que devora aqueles que não a entendem. Para isso, é obrigatório ler. Mas ler, nesta sociedade, não significa somente pegar num texto e identificar os símbolos impressos, ler significa interpretar, analisar e compreender o conteúdo desse mesmo texto.

Ler significa conhecer, interpretar, decifrar, distinguir os elementos mais importantes e utilizá-los como fonte de novas ideias e de saber através de processos de busca, assimilação, retenção, crítica, comparação, verificação e integração do conhecimento.

Actualmente o conceito de leitura é mais abrangente. Segundo Santos *“passa a ser considerado como um instrumento precioso e indispensável ao indivíduo que*

se quer activo, participante e útil à sociedade” (2000, p. 22), permitindo o acesso ao saber e a aquisição de novos conhecimentos, como um processo dinâmico e sempre inacabado, possibilitando compreender o mundo que o rodeia, bem como dar novas respostas de índole social, técnica e profissional.

A leitura deve conduzir à obtenção de informações tanto básicas quanto específicas, variando a maneira de ler segundo os propósitos em vista, mas sem perder os seguintes aspectos: *leitura*, com objectivo determinado, avaliando o que se lê; *preocupação* com o conhecimento das palavras; *interpretação*, perceber as informações que se leram e se são o que se esperava ou não são importantes; *discussão* daquilo que foi lido com outros.

O valor da leitura é insubstituível e não o ter torna-se num problema social grave que coloca em causa o desenvolvimento de um país e de uma sociedade. É essencial apostar em políticas de promoção destas competências na nossa população de forma a inverter os baixos índices de leitura do nosso país.

1.1 Literacia em Portugal

Vivemos na sociedade da informação, conceito que não é fácil de definir tal é a sua riqueza e complexidade. Considerada por muitos como sendo uma autêntica revolução na história da humanidade, ela assenta nas profundas inovações tecnológicas que têm ocorrido nos últimos anos, com importantes reflexos não apenas na sociedade e economia, mas também a nível das mentalidades e da cultura.

Com a génese da nova sociedade surgiu um novo tipo de analfabetismo que afecta uma grande percentagem da população. Apesar do aumento das taxas de escolarização, a verdade é que no início do século XXI, Portugal continua a ter cerca de 10% de analfabetos. Mas o maior problema reside naqueles que embora letrados possuem níveis de literacia tão baixos que a falta de capacidades na interpretação da informação diminui a aptidão de participação na vida social e profissional.

A Palavra literacia advém da forma latina *litteratus* e o seu significado tende a evoluir para enquadrar as competências que o indivíduo deve possuir no panorama actual. Antes, literacia implicava apenas a capacidade de uma pessoa ler, escrever e compreender a sua língua materna. Contudo, o seu sentido evoluiu ao longo do tempo, sendo hoje entendida como a capacidade de cada indivíduo na interpretação, compreensão do que lê e de utilização das várias tecnologias que surgem no nosso quotidiano tais como: o computador, Internet, PDA, entre outros, de modo a atingir os seus objectivos, a desenvolver os seus próprios conhecimentos e potencialidades. Para Santos e Gomes ([s.d.]: p. 171)

“Literacia se apresenta como algo complexo e multifacetado, que implica mudanças linguísticas, cognitivas e sociais e que se centra em torno de três componentes básicas interligadas- a leitura, a escrita e o cálculo -, sobre as quais recaem três competências psicossociais específicas – a capacidade de compreender, de explicar e de agir (funcionar)”

A literacia, como capacidade de aprender e interpretar a realidade condiciona todo o nosso dia-a-dia. Mas a literacia, é por sua vez condicionada pelos nossos conhecimentos, valores e comportamentos vividos em sociedade e, antes de mais, pelo sistema de ensino. Importa conhecer o mundo em que vivemos e compreender a sua lógica de mudança.

A partir dos dados de um inquérito de abrangência internacional (IALS, 1998), conclui-se que Portugal apresenta um cenário pouco positivo uma vez que cerca de 50% da população se concentra no nível mais baixo de literacia (1 de 5 níveis).

Estudos nacionais e internacionais ajudam-nos a compreender alguns dos problemas que foram causados pela massificação do ensino. Reforçam, de igual modo, a importância extrema da leitura no âmbito escolar e extra-escolar, nomeadamente na obtenção do sucesso escolar e social.

Um dos exemplos é o Estudo Nacional de Literacia de Benavente et. al. (1996), sendo o primeiro estudo realizado em Portugal que utilizou uma metodologia de avaliação directa das competências de leitura, escrita e cálculo da população

adulta (dos 15 aos 64 anos). Este estudo, realizado no ano de 1995, foi sem dúvida um ponto de referência para o enquadramento do tema das competências de literacia no nosso País.

É do domínio público que o nível médio de escolaridade no nosso país tem crescido, verificando-se porém que uma percentagem elevada da população não possui qualquer grau de ensino completo (17,8 %), percentagem que inclui *14,4% que nunca frequentou sequer o sistema de ensino* (Benavente *et al.*, 1996, p. 30).

Em contrapartida, a percentagem é muito menor naqueles que atingiram níveis de escolaridade secundários ou superiores, respectivamente, 8,9% e 5,5% (Benavente *et al.*, p. 30). Estes valores quando comparados com os países mais desenvolvidos da União Europeia, demonstram uma meta ainda bastante longínqua, para que nos coloquemos em pé de igualdade.

Entretanto não podemos ignorar o esforço que se tem feito para que esta diferença diminua e para que o grau de desempenho da nossa população, ao nível dos padrões de literacia, aumente.

Mas para percebermos melhor a importância da leitura na taxa de literacia dos portugueses, o mesmo estudo refere que, dos inquiridos, somente 9% dizem ler em média um ou mais livros por mês, enquanto que 70% dizem raramente ou nunca ler livros. No que diz respeito a revistas e jornais, o cenário melhora um pouco visto que *“Cerca de 35 % das pessoas afirmam ler revistas todas as semanas, o que não sendo um valor alto, indicia um outro plano das práticas de leitura. Em todo o caso, perto de 50% das pessoas nunca ou raramente lê revistas”* (idem, p. 42). No que se refere à leitura de jornais somente 19% da amostra afirma ter o hábito de ler jornais diariamente. Resumindo, deparamo-nos com um cenário pouco animador no que respeita à diminuição dos níveis de literacia portugueses.

Com fracas competências em compreensão na leitura, formamos cidadãos iletrados, pouco intervenientes e pouco críticos, o que condiciona o desenvolvimento quer económico quer social do país.

As competências desenvolvidas ao longo da escolaridade obrigatória não são suficientes para proporcionar uma vida pessoal e profissional de sucesso e o exercício de uma cidadania crítica e interventiva, tendo em conta porém que “o grau de escolaridade influencia positivamente o nível de literacia, enquanto que à medida que a idade aumenta, os níveis de literacia diminuem (Benavente, 1996, p. 398-399).

De acordo com os resultados obtidos do PISA (Programme for International Student Assessment) Portugal não se encontra bem posicionado nos níveis de literacia, revelando a existência de dificuldades prolongadas na aquisição dos conhecimentos e capacidades básicas de leitura, o que reforça a ideia de que muito ainda há para fazer de forma a contornar esta situação. “(...) Em comparação com a situação média no espaço da OCDE, temos em Portugal uma percentagem muito elevada de alunos de 15 anos com níveis muito baixos de literacia – são 48% de estudantes com níveis iguais ou inferiores a 2, em comparação com 42% de alunos no espaço da OCDE” (PISA, 2003, p. 45), o que nos coloca num nível bastante abaixo da pontuação média da OCDE.

1.2. Leitores e leituras no século XXI

Vivemos no século XXI onde as mudanças que se fizeram sentir no final do século passado ganharam raízes tão profundas que se torna imperativo aliarmos-nos a elas ou perder o caminho do desenvolvimento e do conhecimento.

Sabemos que, há muitos anos atrás, ler e escrever eram tidas como actividades profissionais e que só uma minoria tinha acesso a esta aprendizagem, mas o mundo mudou, as pessoas mudaram e as sociedades evoluíram. Passou-se do ler e escrever como profissão de alguns ao ler e escrever como obrigação de todos. Na sequência de tudo isto, e com o decorrer dos tempos, o número de leitores aumentou, sendo um dos objectivos das políticas educativas que todos

saibam ler e escrever. Consequentemente a esta mudança surgiram novos sentidos da leitura e da escrita, citando Emilia Ferreiro “*Leer y escribir son construcciones sociales. Cada época y cada circunstancia histórica da nuevos sentidos a esos verbos*” (Ferreiro, 2001, p. 13), ou seja todas estas mudanças obrigam a que também o ler e escrever sofram alterações, e inculcar estes hábitos tem de ser um trabalho feito desde muito cedo.

Esse é um dos desafios que se coloca a esta nova sociedade: criar consumidores de bens culturais, criar bons leitores capazes de entender, interpretar e comunicar utilizando os recursos de que dispõem. Para isso, o trabalho de campo deve começar a ser feito desde a primeira infância e todos têm um papel muito importante na aquisição de competências de leitura e escrita: na família os futuros leitores terão o seu primeiro encontro com a leitura; na pré-escola e no 1º ciclo já conquistam o poder de ler e tornam-se autónomos; posteriormente, cabe a todos aqueles que os rodeiam incentivá-los a ler e a escrever criando novos cenários de aprendizagem que captem a sua atenção.

Mas tudo isto requer estratégias de incentivo aliciantes devido aos novos sentidos da leitura e da escrita na sociedade actual. Podemos talvez dizer que antigamente o livro ocupava o lugar de topo na hierarquia da leitura permitindo estabelecer entre si e o leitor reacções de afecto e atracção mútuas que levavam as pessoas ao gosto pela leitura e ao desenvolvimento da criatividade.

Mas com o passar do tempo o livro passou a sofrer a concorrência das novas tecnologias e a verdade é que esta revolução tecnológica da informação e dos media implica novas formas de estar na sociedade, de trabalhar, de aprender, de divertir-se, de ler e de escrever, por isso o grande desafio que se coloca no presente é possibilitar o desenvolvimento de competências que permitam uma convivência sã entre todos, livro - tecnologias - potenciais leitores, de forma a conviverem em harmonia.

Nas últimas décadas, a massificação da internet trouxe consigo novas formas de ler e escrever tornando-se um importante instrumento de pesquisa e assumindo

uma presença quase indissociável do nosso dia-a-dia, que se revela de múltiplas formas, reclamando aos leitores uma forte interacção com as imagens e um reduzido contacto com o texto escrito. A televisão, o computador, as consolas, os telemóveis, são objectos dos quais já não queremos, nem podemos, afastar-nos e que nos distanciam do contacto com o texto escrito aproximando-nos da imagem, e conseqüentemente diminuindo a aquisição de capacidades associadas à leitura e à escrita.

Desconhecemos as transformações que as tecnologias sofrerão nos próximos anos. Sem dúvida, manterão o seu constante progresso, numa trajectória ininterrupta para o aperfeiçoamento e adaptação às necessidades do ser humano. E a leitura não pode alhear-se desta evolução. Independentemente do progresso tecnológico que venha a ocorrer, o incentivo à leitura deve responder a estes novos desafios e contribuir para criar as competências necessárias à integração nesta sociedade do conhecimento.

O desenvolvimento e a expansão rápida das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), a nova Sociedade da Informação, a comunicação e criação digital ou em rede assumem, hoje em dia, grande importância e têm levantado muitas questões sobre a natureza e as funções do livro, como tradicionalmente o conhecemos, e o seu anunciado desaparecimento por parte de alguns.

A escrita mudou de tal forma que hoje assistimos a alterações nas técnicas de reprodução dos textos, do seu formato, o que implica mudanças também nas práticas de leitura. Segundo José Afonso Furtado, *“esta singularidade leva a que enfrentemos uma crise nas categorias que têm permitido a nossa ligação com o livro e com a sua cultura”* (Furtado, 2002).

A expansão electrónica de textos, o aparecimento de obras para leitura em ecrã e o desenvolvimento de novos softwares para potenciar condições para esta nova forma de leitura que permitem uma maior facilidade de produção e disseminação, de actualização e correcção automáticas, oferecem várias vantagens face à edição tradicional. Chartier considera que: *“a revolução do nosso presente é,*

incontestavelmente, maior que a de Gutenberg. Não altera apenas a técnica de reprodução do texto, mas altera também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos leitores” (1997, p. 136).

No mesmo sentido, Chartier argumenta que: *“o leitor da idade electrónica pode construir à vontade conjuntos textuais originais, cuja existência e a organização dependem apenas de si. Mas pode ainda em qualquer momento intervir nos textos, modificá-los, reescrevê-los, torná-los seus” (1997, p. 148)* e que para além disso,

“o universo dos textos electrónicos representará, obrigatoriamente, um afastamento em relação às representações mentais e às operações intelectuais especificamente ligadas às formas que o livro teve no Ocidente há dezassete ou dezoito séculos... os textos não são obrigatoriamente livros, nem sequer periódicos ou jornais, derivados, também eles, do codex, de redefinidas as noções jurídicas, regulamentares e biblioteconómicas, que foram pensadas e elaboradas em relação com outra modalidade da produção, da conservação e da comunicação da escrita” (1997, p. 153-154).

Mas se pararmos para pensar em tudo isto, rapidamente chegamos à conclusão que o uso das novas tecnologias implica saber ler. Claro está que quando fazemos este tipo de afirmação temos consciência de que não falamos de todo o tipo de leitura. Mas se tivermos em consideração que a utilização das novas tecnologias quer no lazer como na vida profissional se está a tornar, ou já se tornou obrigatório, e que temos de saber ler e saber interpretar o que lemos para desenvolver o nosso trabalho, partilharmos informação e usufruir de momentos de lazer, concluímos que leitura e tecnologias atingiram uma relação indissociável.

Contudo defendemos que o valor afectivo que une o livro ao leitor é indiscutível, e quando aqui, em pleno século XXI, falamos de livro não é de e-book's é de livro impresso, aquele que permite ao leitor, folhear, sublinhar, cheirar, sentir a sua textura, transportá-lo para onde quer que seja sem a preocupação de ter energia (seja ela qual for) no suporte tecnológico para poder gozar da sua leitura, o que nos leva a pensar que, dificilmente, o livro desaparecerá das nossas vidas.

Chartier (2002, p. 116) destaca que “*o novo suporte do escrito não significa o fim do livro ou a morte do leitor. O contrário, talvez*”.

Muitos são os autores que advertem para a tomada de decisões drásticas, por parte de outros, no que diz respeito à destruição do livro impresso, à substituição das Bibliotecas tradicionais por Bibliotecas digitais, alertando para danos irreversíveis e promovendo doutrinas de reestruturação como defendem Seely Brown e Paul Duguid ao afirmarem que «*(...) as novas tecnologias devem ser entendidas como uma oportunidade para que diferentes géneros sigam diferentes trajectórias, umas em direcção à nova tecnologia outras permanecendo como a anterior*» (Furtado, 2000).

No entanto devemos ter em conta que os leitores de hoje têm exigências às quais devemos dar resposta. A tendência é a de proteger, principalmente os mais novos, de diversos temas, como sejam, a violência, a morte, o sexo, entre outros assuntos que fazem parte do seu quotidiano. A realidade é que quando falámos na promoção do livro não devemos superproteger mas sim informar, pois se eles não encontrarem a informação no livro procurá-la-ão nas novas tecnologias.

Assim sendo, concordamos que cada suporte de leitura tem o seu próprio espaço e finalidade e que a leitura virtual é mais uma opção para o leitor que sai beneficiado e ao qual caberá decidir sobre quando e como ler,

“A leitura do texto digital é descontínua e adequada a certos tipos de obras, como dicionários e enciclopédias, onde o leitor procura determinadas palavras ou artigos, e que não precisam ser lidos da primeira a última página. Enquanto obras ou livros requerem a compreensão total, exigem a familiaridade com romances, ensaios, livros de história e de conhecimentos. Acredito que para nós e, possivelmente, para as futuras gerações sempre estarão presentes as três formas de escrita: a manuscrita, ainda usamos o texto escrito à mão, a cultura impressa e, para os que tiverem acesso, o texto eletrónico” (Chartier, 2008).

1.3. Hábitos de leitura, insucesso e abandono escolar

Pretendemos neste ponto fazer a ligação entre os hábitos de leitura, o insucesso e o abandono escolar tentando compreender aquilo que os une e o que os separa.

Reflectir sobre esta problemática implica procurar elementos que permitam conhecer os factores que contribuem para compreender a relação entre as três realidades, como sejam os factores educativos, culturais, económicos e políticos.

Nos dias que correm ouvimos dizer, por diversas vezes, que os nossos jovens não sabem ler, não sabem escrever, não sabem sequer exprimir-se e colocámos a questão: como motivar para a leitura, como criar hábitos de leitura?

Como atrás já foi referido, esta função deve começar logo na infância no seio familiar e no meio social cujo trabalho condicionará com certeza os níveis de aprendizagem e motivação para a leitura das crianças,

“Os pais, a casa, a comunidade, a biblioteca pública, os órgãos de comunicação social afectam o sucesso escolar da criança e consequentemente o seu êxito na leitura. As oportunidades culturais que a casa lhe oferece com livros, revistas, jornais, jogos e espaços com alguma privacidade para a criança despertam nesta a necessidade e o interesse pela leitura.” (Sequeira, 1989, p.63).

Isto confirma a ideia de que os hábitos familiares têm consequências muito importantes nos hábitos de leitura das crianças. Se as conversas familiares se direccionarem para a leitura, se os pais lerem para si e para os filhos, se descobrirem nos seus filhos temas que os fascinam e procurarem leituras adequadas aos mesmos, o grau de interesse das crianças por esta prática será francamente maior e a aquisição de competências de leitura será mais fácil, o que *“representa na nossa sociedade um passo importante na vida escolar e social da criança”* e permite *“a certeza de uma mais justa inserção da criança na sociedade”* (Sequeira, 1989, p. 79).

Será que quando oferecemos um livro a uma criança temos em consideração os temas que a fascinam? Será que temos em atenção o seu conhecimento relativamente aos conceitos da obra oferecida? Estas questões são deveras importantes quando estamos a tentar criar hábitos de leitura: livros de temas diferentes para pessoas com interesses distintos.

O que acontece é que o nível de literacia português é muito baixo, o que nos leva a concluir que cada vez mais a leitura é tema pouco desenvolvido no ambiente em que crescemos. Estudos elaborados, quer a nível nacional, quer a nível internacional, demonstram que os nossos alunos apresentam défices significativos ao nível da compreensão na leitura e concluem que parte dos alunos do ensino básico sai da escola com grandes deficiências ao nível da compreensão na leitura, o que torna difícil a sua inserção na sociedade, ou seja, as competências por eles desenvolvidas ao longo da escolaridade obrigatória não são suficientes para que usufruam de uma vida pessoal e profissional de sucesso e de uma cidadania crítica e interventiva.

Podemos concluir que o desenvolvimento de competências de compreensão na leitura é um dos objectivos essenciais da escolarização dos cidadãos que contribui definitivamente para a sua integração social. Pereira considera que *“ninguém contesta a importância do domínio das capacidades literárias pelos alunos. Hoje como ontem, diz-se que compete à escola ensinar a ler e a escrever.”* (2000, p.20) e Zilberman e Silva referem que a escola é uma instituição que *“ensina como ler, começando pela alfabetização e chegando ao estímulo, ao consumo, à fruição e à valorização dos produtos tidos como elevados”*, pelo que, em caso de ineficiência da escola no que toca ao ensino da leitura, ela *“acaba por comprometer sua própria continuidade”* (1991, p.113). Sousa destaca que:

“a escola é um contexto especializado onde a grande maioria dos alunos aprende a ler, adquire e desenvolve competências para esse fim. [...] Assim, o desenvolvimento de competências de leitura é, em muito, da responsabilidade da escola, uma vez que é sua função assegurar que todas as crianças e jovens alcancem fluência de leitura, reconstruam com rapidez o significado do texto escrito e se apropriem da informação.” (2005, p.27).

Tendo em conta o que dissemos anteriormente, a escola e a família são o espaço social privilegiado para que as crianças adquiram as competências de leitura, que servirão de base à aquisição de uma diversidade de conhecimentos e experiências que poderão condicionar a sua vida em sociedade.

Mas esta integração não depende só destes dois agentes educativos, mas também de outras instituições como sejam os média – televisão, jornais, revistas, feiras dos livros, Bibliotecas – cuja responsabilidade para o incentivo à leitura permite que os cidadãos possam melhor conhecer a sua situação, os mecanismos que governam sua condição e a relação com outras pessoas e com os poderes. A partir da leitura, o cidadão moderno pode ter uma relação crítica com os mecanismos da sociedade que regem seu dia-a-dia e, assim, poder melhor opinar e intervir com os mesmos. Neste sentido as dificuldades da leitura e da escrita deveriam ser um problema de todos, de forma a mudar o futuro de uma sociedade como a portuguesa capaz de exportar “*15% dos cérebros portugueses*” (Expresso, 2010).

Em Portugal, os esforços feitos para colmatar os níveis de iliteracia e inculcar hábitos de leitura têm vindo a crescer devido a vários factores, dentre eles: o aumento da melhoria das condições económicas das famílias, o aumento da escolarização obrigatória, o alargamento da rede de bibliotecas públicas, o Plano Nacional de Leitura, entre outros. Mas a verdade é que surge de novo a questão: Serão suficientes todos estes esforços?

Temos conhecimento de países, como a Finlândia, um país regionalmente periférico, multilingue, que prima pela especialização de professores em leitura, pela qualidade das bibliotecas de escola e de bairro e pela atitude altamente positiva em relação ao livro, à leitura e à língua materna que são objectivos primários deste país. Será esta a situação em Portugal? Cremos que o nosso país está no bom caminho mas que muito ainda há a fazer. Ainda estamos a construir bibliotecas da rede pública e muito há a fazer quanto à Rede de Bibliotecas escolares, à formação de professores na área da leitura e ao incentivo dos nossos jovens à continuidade dos seus estudos.

Falamos quanto à continuidade dos seus estudos porque acreditamos que um dos factores fundamentais do insucesso e abandono escolar precoce está directamente relacionado com o nível de literacia que estes atingem.

O abandono e insucesso escolar, associado à iliteracia e à info-exclusão é motivo de grande preocupação em muitos países. Diversos estudos apontam para o facto de cerca de mil milhões de indivíduos com mais de quinze anos de idade, isto é, um quarto dos adolescentes e adultos em todo o mundo, serem *“incapazes de ler e de escrever uma composição simples e breve de factos relacionados com a sua vida quotidiana”* (Morais, 1997, p. 16, citando UNESCO).

A problemática de entender e saber lidar com a informação escrita resulta das rápidas e sucessivas mudanças ao nível técnico, científico e social que são consequências naturais da nova sociedade do conhecimento. A leitura é obrigatória nas mais diversas actividades, desde as profissionais às privadas, e a diferença entre aqueles que a fazem bem e depressa e os demais é decisiva. Não ser capaz de dominar esta ferramenta é assinar uma declaração de incapacidade perante a sociedade, pois nos dias de hoje a leitura e compreensão da mesma é indispensável.

Dados muito preocupantes são divulgados revelando que *“...30% das pessoas com menos de nove anos de escolaridade possuem altos índices de dificuldades na leitura, enquanto só 1% das que têm pelo menos doze anos de escolaridade revelam estas dificuldades”* (Morais, 1997, p.17). A leitura destes números é inquietante, pois esta diminuição da percentagem nas dificuldades, assenta numa taxa de abandono que lhe é semelhante, ou seja, as dificuldades na leitura resulta num dos factores mais importantes do abandono escolar.

As taxas de abandono escolar em Portugal são as mais altas da União Europeia. Em 2001, cerca de 45,5% (38% de raparigas e 52% de rapazes) abandonaram precocemente a escola (Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar, Março, 2004, p. 52).

Comparando com o nível de leitura dos portugueses, que é o mais baixo da Europa, com apenas 32% da população a assegurar ter lido pelo menos 1 livro nos últimos 12 meses, em contraste com a média europeia de 60% da população a manifestar esse hábito (In the European Opinion Research Group, Abril 2002) e tivermos em consideração o facto de 67,3% afirmar que, nos últimos 12 meses, não leu qualquer livro, por motivos profissionais ou escolares (Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, A.P.E.L., 2004), podemos concluir que os esforços feitos não são suficientes para inverter esta situação. O mesmo estudo da A.P.E.L faz uma demonstração dos valores dos hábitos de leitura entre 1983 e 2004 no nosso país e a verdade é que a oscilação dos valores é muito pouca pese embora o aumento da escolaridade obrigatória.

Assim podemos ler que em 2004 76% da população, com idades compreendidas entre os 15 e os 65 anos, diz-se leitora de livros ou revistas; 44% da população portuguesa afirma ler livros e 72% refere ler jornais ou revistas; cerca de 62% da população inquirida dedica à leitura três horas semanais ou menos. Em 1983 a percentagem de indivíduos que respondia afirmativamente à pergunta: “Costuma ler 1-2 livros/ ano?” era de 42,2% passando para 44,3% em 2004 (A.P.E.L., 2004).

Mas para termos uma visão ainda mais concreta desta situação podemos recorrer a um estudo internacional, já anteriormente referido neste trabalho, e que nos faz uma leitura muito clara da situação do nosso país em comparação com outros. Neste estudo internacional, do qual fizemos parte – o PISA – os resultados dos portugueses revelaram baixos índices de compreensão da leitura dos alunos no final do 9º ano de escolaridade, situando os alunos portugueses em 28ª posição, num total de 41 países estudados, muito abaixo da média internacional.

Toda esta situação obrigou a que se repensassem as políticas educativas e práticas pedagógicas que dessem resposta a esta sociedade da informação e às suas exigências. Actualmente é bem visível o empenho e esforço que se tem vindo a fazer para inverter esta situação. As novas políticas educativas têm vindo a apostar na criação de estruturas básicas capazes de facultar, de igual forma

para todos, condições para o sucesso escolar. Melhores escolas e melhores bibliotecas são dois exemplos disso.

Já em 1989, a American Library Association chamava a atenção da importância da literacia para os programas de aprendizagem afirmando que:

“ [...] Para ser competente em informação, uma pessoa deve ter habilidade para reconhecer quando a informação é necessária e ter a capacidade para localizar, avaliar e suprir efectivamente a necessidade de informação. Para produzir tal cidadão será necessário que escolas e faculdades compreendam e integrem o conceito de information literacy nos seus programas de aprendizagem e que elas desempenhem um papel de liderança na preparação dos indivíduos e instituições para tirar vantagem das oportunidades inerentes à sociedade da informação”(p.1).

Mas não podemos só ter boas estruturas públicas e medidas educativas adequadas, devemos criar nelas serviços de qualidade com profissionais com formação capazes de trabalhar em conjunto com o resto da comunidade para alcançar um nível de literacia positivo. A par disto:

“Os percursos alternativos, os cursos de educação e formação, os planos de recuperação e acompanhamento e outros apoios educativos, especialmente dirigidos a alunos com percursos escolares marcados pela repetência, foram algumas das medidas lançadas que visam proporcionar às escolas meios efectivos de combate ao abandono e ao insucesso escolares”(M.E., 2009).

Um dos últimos projectos postos em acção é o Plano Nacional de Leitura, criado pelo Ministério da Educação, que tem por objectivo o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, permitindo aumentar os níveis de literacia e aproximarmo-nos dos nossos colegas europeus. Uma das actividades deste plano é a integração de uma hora semanal no horário curricular do 1º ciclo, o que implica que sejam exploradas obras aconselhadas por este plano e que permite que os professores dediquem, pelo menos, uma hora à leitura e à biblioteca.

Os resultados escolares 2008/2009 revelados pelo Ministério da Educação dão-nos uma perspectiva muito positiva ao divulgar que nesse ano houve uma

“...tendência de redução – para metade – do insucesso e do abandono escolares, bem como o aumento consolidado e sustentado do número de alunos que concluem o ensino básico e que entram no ensino secundário” (M.E., 2009) o que contrasta com os resultados de anos anteriores, onde se verificava que “milhares de jovens atingiam a idade-limite da escolaridade obrigatória (15 anos) e abandonavam a escola sem terem concluído a escolaridade básica” (M.E., 2009).

Mais se diz no que concerne aos resultados de várias políticas adoptadas:

“O aumento para cerca de 140 000 do número de alunos matriculados e o acréscimo para 120 000 dos estudantes que concluíram o 9.º ano significam que, ao nível do ensino básico, as medidas tomadas traduziram-se em ganhos de eficiência, mas também de recuperação do insucesso de anos anteriores.” Além de, “Nos dois últimos anos, mais de 60 000 alunos, já fora da idade da escolaridade obrigatória, em situação de abandono, frequentaram cursos de educação e de formação, tendo a grande maioria concluído a escolaridade básica.”,

e que *“No mesmo sentido, uma parte significativa destes jovens readquiriu a vontade e o gosto por aprender, prosseguindo os estudos no ensino secundário e aumentando o número de alunos no 10.º ano.” (M.E., 2009).*

Mesmo assim concluímos que muito há ainda a fazer no que diz respeito ao incentivo da leitura, ao desenvolvimento de competências literárias e ao conseqüente sucesso escolar.

2. O Papel das Bibliotecas

O Documento aprovado no “Colóquio sobre Literacia da Informação e Aprendizagem ao longo da vida” realizado na Biblioteca de Alexandria, de 6 a 9 de Novembro de 2005, mais conhecido como “O Manifesto de Alexandria”, afirma que:

“ Libraries and information services contribute to the sound operation of the inclusive information Society. They enable

intellectual freedom by providing access to information, ideas and works of imagination in any medium and regardless of frontiers. They help to safeguard democratic values and universal civil rights impartially and by opposing any form of censorship. The unique role of libraries and information services is that they respond to the particular questions and needs of individuals. “

O conceito de Biblioteca surgiu na antiga Grécia com o significado de “cofre do livro” designando um local onde se conservavam os livros. Desde o início que um dos grandes objectivos das bibliotecas era preservar a memória colectiva, e um pouco mais tarde, também permitir o uso e pesquisa de informação. Pouco a pouco vieram aliar-se a este serviço novos formatos documentais e novos suportes materiais com imagem e som que não pararam de evoluir até hoje.

A definição de Biblioteca sofreu grandes alterações ao longo da sua antiga existência.

A IFLA (Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas) afirma que:

“as bibliotecas proporcionam acesso à informação, às ideias e às obras da imaginação. Servem como portas de acesso ao conhecimento, ao pensamento e à cultura. (...) Têm a responsabilidade de garantir e facilitar o acesso às expressões do conhecimento e da actividade intelectual. Com este fim, as bibliotecas devem adquirir, preservar e disponibilizar a mais ampla variedade de documentos, reflectindo a pluralidade”(IFLA, 2005).

Na sequência das mudanças tecnológicas, as bibliotecas têm vindo a sofrer grandes alterações, bem como os seus utilizadores. Estes procuram o livro sim, mas também procuram documentos em novos formatos, acesso às novas tecnologias, acesso a actividades culturais.

A explosão informacional a que o mundo assistiu em finais do século XX acarretou uma disseminação tal das novas tecnologias que estas passaram a ocupar um papel insubstituível em qualquer lugar. Consequentemente, a realidade das bibliotecas actuais sofreu também alterações debatendo-se com novos desafios entre os quais está a necessidade de ensinar os cidadãos a

pesquisar, avaliar, comparar, combinar e usar adequadamente a informação disponível através das novas tecnologias, promovendo o livro e a leitura nos seus diversos suportes e contribuindo para a subida dos níveis de literacia.

Presentemente, as realidades impressas, virtuais e digitais, convivem simultaneamente, não existindo um parâmetro que avalie qualquer destas formas de acesso como a melhor ou a pior. Qualquer uma delas tem facilidades e restrições, mas o que realmente importa é o desempenho e contribuição de cada um desses formatos no desenvolvimento do conhecimento humano.

Tendo as bibliotecas um papel muito importante e interventivo na sociedade actual e sendo do senso comum que as tecnologias vieram para ficar e que as bibliotecas digitais são uma realidade, cabe aos gestores da informação responderem aos desafios da virtualidade, modernizando-as e estruturando-as, passando pela adopção de novos valores organizacionais e essencialmente pela utilização de novas tecnologias como forma de responder às solicitações dos seus utilizadores.

As novas bibliotecas de leitura pública, instaladas em edifícios construídos de raiz ou em imóveis de qualidade, pretendem servir toda a população, permitindo o acesso à informação e proporcionando espaços para o trabalho, para a leitura e para o lazer de forma a criar hábitos culturais, de leitura e de frequência destes espaços. Acerca dos serviços das bibliotecas públicas as directrizes da IFLA/UNESCO dizem que,

“O acesso à informação e à sua compreensão constitui um direito humano fundamental; existe neste momento mais informação disponível do que em qualquer momento da história mundial. Enquanto serviço público aberto a todos, a biblioteca pública tem um papel fundamental na recolha, organização e tratamento da informação, assim como na oferta do acesso a um vasto leque de fontes de informação. A biblioteca pública tem uma particular responsabilidade na recolha de informação local e na sua disponibilização imediata. (...) O rápido crescimento no volume de informação disponível e as mudanças tecnológicas contínuas, factores que afectaram radicalmente os modos de acesso à informação, tiveram já um efeito significativo sobre as bibliotecas públicas e os seus serviços. A informação é de grande importância no desenvolvimento do

indivíduo e da sociedade, sendo inegável que as tecnologias da informação conferem um poder considerável a todos quanto tenham a possibilidade de a elas terem acesso e de as utilizarem. Apesar do rápido crescimento destas tecnologias, elas continuam a não estar à disposição da maioria da população mundial, sendo cada vez maior o fosso entre ricos e pobres em informação. Um dos papéis fundamentais da biblioteca pública consiste em reduzir esse fosso através da oferta do acesso público à Internet, assim como à informação transmitida por meio de suportes tradicionais. As bibliotecas públicas devem reconhecer e explorar as oportunidades proporcionadas pelos novos desenvolvimentos nas tecnologias da informação e das comunicações. Podem assim transformar-se nos portais electrónicos para o mundo da informação” (Saur, 2001, pp. 22-23)

Para que estes serviços possam responder às imediatas solicitações dos utilizadores, deverão estar actualizados e fazer a difusão dos livros aos seus leitores de modo a captar a sua atenção, promovendo as suas últimas aquisições, encontros com escritores, exposições bibliográficas, entre outros. O leitor não pode ler se não tiver acesso aos livros, e não quer ler se não for incentivado a isso, cabendo à sociedade criar caminhos para que tal não aconteça. Barreto Nunes mostra-nos os caminhos para lá chegarmos:

“enfim, são múltiplos os caminhos para a leitura, mas que deverão ter como ponto de partida bibliotecas bem organizadas, com uma oferta de autores e títulos alargada e diversificada, que corresponda não só aos interesses dos seus normais utilizadores, mas saiba também atrair e reter novos e potenciais leitores” (1998, p. 146).

Iniciar o leitor na descoberta da biblioteca, motivá-lo a voltar sempre, incentivando-o a ver as novidades, a ocupar o seu tempo de lazer entre livros, a descobrir o desconhecido através de actividades de animação são pontos importantes no cumprimento da missão das bibliotecas que:

“tem obrigação de assumir-se como um lugar não apenas onde se tem acesso à informação, mas como o espaço onde se afirma o direito ao tempo livre, à viagem, à criatividade, ao prazer individual que integrando e apaziguando a relação de cada um com a comunidade contribui para o seu progresso” (Nunes, 1994, p. 22).

A biblioteca dos dias de hoje deve oferecer aos seus utilizadores, sem nunca esquecer o livro (seja ele impresso e/ou digital), o acesso ao conhecimento humano, à pesquisa, ao estudo e ao lazer. Chartier defende que:

“a biblioteca do futuro deve ser também o lugar onde se poderá manter o conhecimento e a compreensão da cultura escrita nas formas que foram, e são maioritariamente as suas, hoje em dia. A representação electrónica de todos os textos cuja existência não começa com a informática não deve de modo algum significar o afastamento, o esquecimento ou, pior, a destruição dos objectos que os transportaram. Mais do que nunca, talvez, a tarefa essencial das grandes bibliotecas é reunir, proteger, recensear... Só preservando a inteligência da cultura do codex é que a «felicidade extravagante» prometida pelo ecrã poderá ser sem nuances” (1997, p. 155).

Na nossa sociedade as bibliotecas têm um importante papel na info-inclusão dos cidadãos na sociedade do conhecimento. Independentemente da sua vertente tradicional ou digital, a missão das bibliotecas continua a ser a difusão do conhecimento e a promoção do livro e da leitura. Afonso Furtado refere que:

“do facto de uma biblioteca passar a disponibilizar informação em suporte electrónico não decorre que a sua missão fundamental e “tradicional” de seleccionar, coligir e organizar informação, no sentido de ser disponibilizada à comunidade se tenha alterado substancialmente. Podem alterar-se os seus modos de funcionamento e alargar-se a gama de recursos, com as implicações daí decorrentes, mas no essencial a missão mantém-se” (1999, p. 22).

Concluindo, cabe às bibliotecas proporcionar e disponibilizar os recursos e os meios para a promoção da leitura em espaços diferentes onde os leitores sintam que ler não é uma obrigação mas sim um prazer.

CAPITULO II – O Projecto e a Região do Vale do Minho

3. A região do Vale do Minho

A região do Vale do Minho situa-se no norte de Portugal, mais concretamente no Distrito de Viana do Castelo, ocupando um território de cerca de 800 Km² que engloba cinco municípios (Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira) com 103 freguesias no total e uma população de 62 373 habitantes (Censos2001).

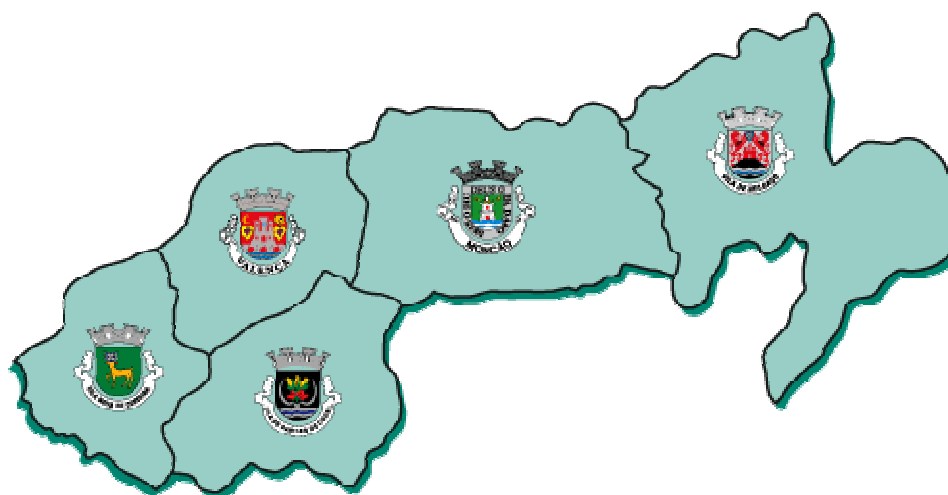


Fig. 1 – Mapa da Região do vale do Minho

3.1 Contexto Social e Político

O Vale do Minho, à semelhança de muitas outras regiões em Portugal, apresenta, actualmente e apesar do esforço autárquico de 35 anos de regime democrático, vários desequilíbrios socioeconómicos que justificam a sua classificação como território afectado ou, como vulgarmente designamos de “interioridade”. Tal fenómeno é de raiz complexa, estando na razão da sua existência uma série de factores. Podemos, contudo, afirmar que de uma maneira geral o fenómeno da “interioridade” está intimamente ligado ao fenómeno da desertificação, e que se explica, por um lado, por movimentos migratórios de grande significado e, por outro, por progressivo envelhecimento populacional, responsáveis por resultados, por vezes, calamitosos no plano humano, comunitário e social. Quanto ao enquadramento histórico, embora, tal como já referimos, possamos e devemos atribuí-lo ao fortíssimo fenómeno de saídas migratórias das últimas décadas da

ditadura (estrangeiro/Litoral), não devemos esquecer, contudo, predisposições históricas bem anteriores, ligadas ao secular aparelho de gestão económico-político do Império mais antigo da Europa à altura da Revolução de 1974.

Alguns factores deste quadro perduram, não esquecendo, contudo, como já referimos, um grande esforço autárquico, sobretudo no que à satisfação das necessidades básicas das populações diz respeito. Em contrapartida, será lícito sublinhar que o chamado “modelo português de desenvolvimento” baseado excessivamente no investimento “material”, na maior parte das vezes absolutamente carente de coordenação e planificação, levou, nuns casos, ao agravamento e noutros, à permanência desses desequilíbrios a despeito dos elevados fundos de coesão europeus recebidos nestas últimas décadas.

Importa, portanto, sublinhar que se consolidou em muitos casos um quadro de muito baixo desenvolvimento sociocultural, apoiado numa tradição de analfabetismo, que potenciou fenómenos mais recentes de insucesso e abandono escolar. Cavou-se desta forma, um fosso mais significativo entre mundo urbano e rural, sendo este, progressivamente, considerado à sombra de uma crescente perspectiva de “cristalização museológica”, evocativa de um passado “original”, pleno de ingénuas virtudes, mas irremediavelmente morto.

Obviamente que pendem ainda sobre este quadro mental muitos valores da simbólica civilizacional salazarista para os quais, na sua maioria, não se encontraram verdadeiras alternativas.

4. Os níveis de literacia, abandono e insucesso escolar

Reflectir sobre a problemática da iliteracia e do insucesso escolar num determinado grupo de concelhos do interior implica procurar elementos que permitam conhecer os factores que contribuem para a mesma.

Se recorrermos aos Censos de 2001, podemos ver que, no conjunto, os concelhos do Vale do Minho possuem uma densidade populacional bastante baixa que se tem vindo a agravar com a desertificação decorrente da deslocação

da população, maioritariamente jovem, para fora dos concelhos e até para fora do país.

Segundo estimativas do INE (2004), a população residente na região do Vale do Minho nesse ano era de 62.087 indivíduos. Quando comparada a evolução no período de 1991 a 2001 (a que correspondem os censos), verifica-se uma variação negativa, devida a um decréscimo da natalidade e envelhecimento da população.

Unidade Territorial	Est. Pop. Res. Total 2004	Dens. Pop. (Hab/km ²)	Peso Pop. (%)Vale do Minho
Melgaço	9739	40,90	15,69%
Monção	19842	93,92	31,96%
Paredes de Coura	9409	68,09	15,15%
Valença	14284	121,99	23,01%
Vila Nova da Cerveira	8813	81,19	14,19%

Tabela 1 - Estimativa da População Residente (2004) por município do Vale do Minho

Fonte: INE, O País em Números

Tudo isto implica que o índice de envelhecimento quando comparado com outras regiões seja muito alto.

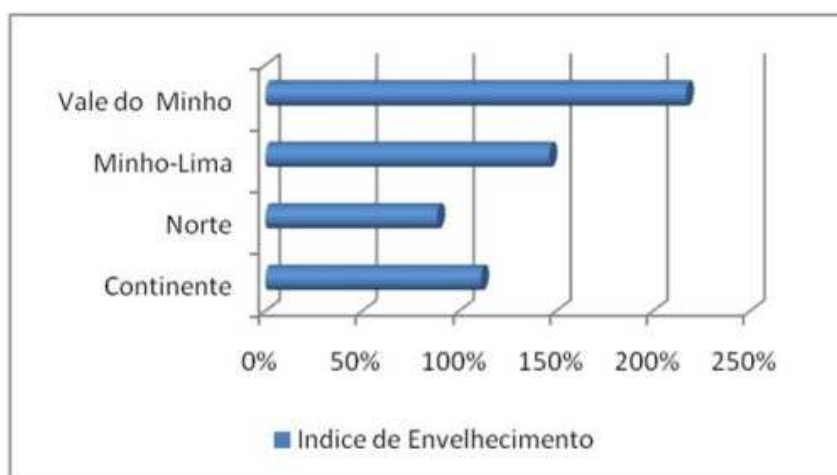


Gráfico 1 - Índice de Envelhecimento por Unidade Territorial

Fonte: INE, O País em Número

Os problemas económico-financeiros vêm agravar a situação de uma população já por si bastante pobre, sobre quem recai uma taxa de analfabetismo bastante elevada. Estes factores aliados a outros acarretam uma herança pesada que alimenta as altas taxas de iliteracia e de insucesso escolar existente em cada um destes concelhos.

Como podemos ver no gráfico seguinte a taxa de analfabetismo do Vale do Minho é ainda muito significativa muito embora tenha vindo a diminuir pouco a pouco.

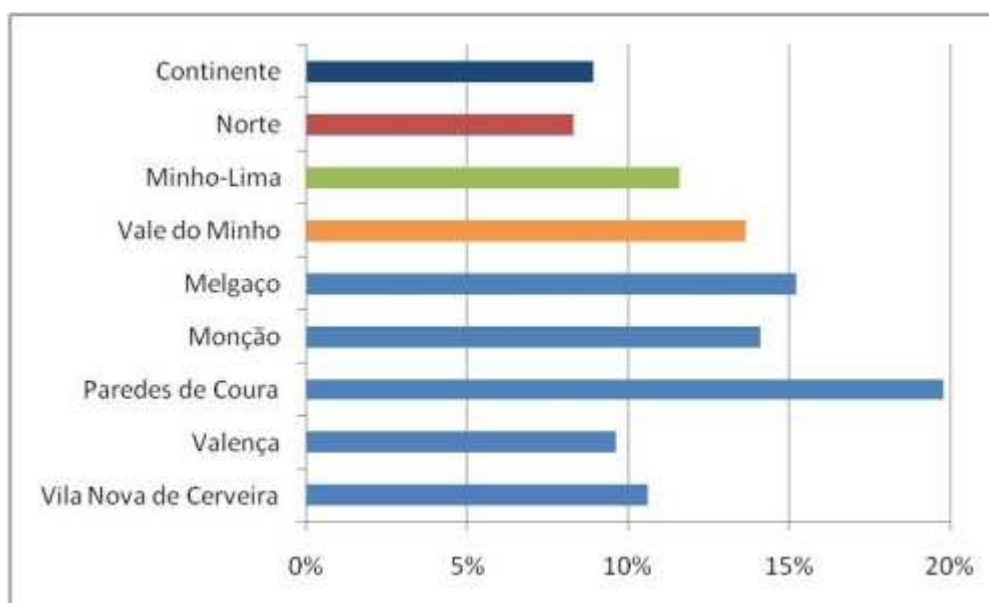


Gráfico 2 - Taxa de analfabetismo entre as unidades territoriais mais abrangentes e os municípios do Vale do Minho

Fonte: INE, O País em Números

Segundo os estudos do INE (2001), o nível da escolaridade da região do Vale do Minho “*apresenta uma população onde a formação incide principalmente no primeiro ciclo, muito devido à estrutura etária que compõe esta região, registando-se ainda, uma faixa significativa sem qualquer grau de ensino*”. Da leitura do gráfico, concluímos ainda que existe uma elevada ponderação de população apenas com o ensino básico e com baixos valores percentuais no ensino secundário e superior. Este é o principal obstáculo identificável ao desenvolvimento socio-económico quer da região Norte, quer da sub-região Minho-Lima, quer de Portugal.

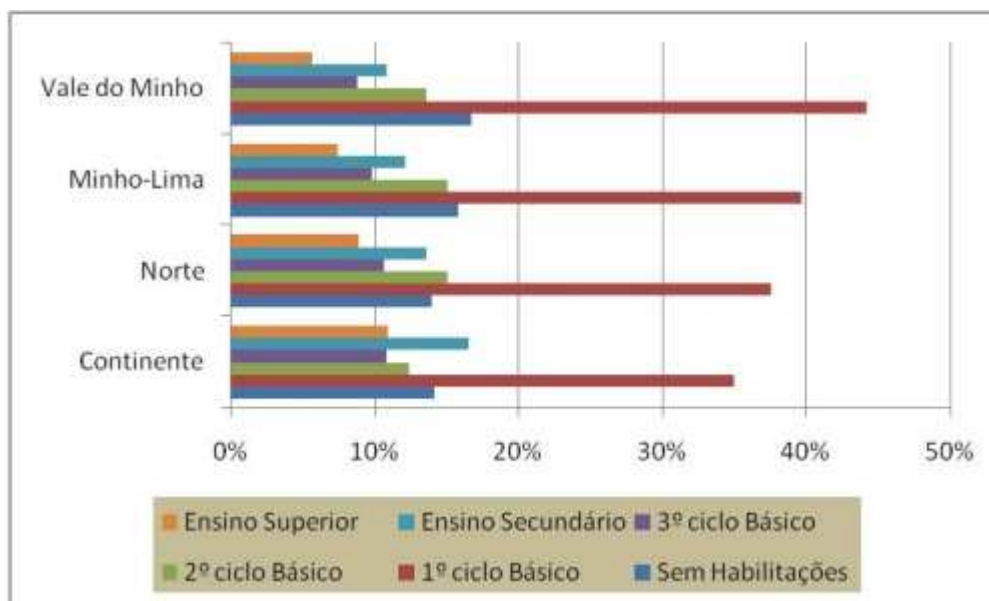


Gráfico 3 - Distribuição da população residente por grau de ensino, por unidade territorial

Fonte: INE, O País em Números

Fazendo a leitura destes gráficos concluímos que, na região do Vale do Minho, a taxa de analfabetismo é bastante elevada e o nível de escolaridade fica também aquém dos níveis nacionais. Esta é uma problemática que tem vindo a ser discutida pelo poder político que tem trabalhado arduamente para inverter esta situação. As reformas ao nível do ensino são visíveis. O fecho de escolas com número reduzido de alunos e a criação de centros escolares são uma realidade em todos estes concelhos. Com isto pretende-se criar condições de igualdade para todos promovendo a qualidade do ensino e trabalhando conjuntamente no aumento da escolarização de todos. O ensino obrigatório, as novas oportunidades, as escolas profissionais e os centros de formação, as bibliotecas escolares e municipais muito têm contribuído para a redução das taxas de analfabetismo, de iliteracia e de abandono escolar da nossa população.

5. As Bibliotecas Municipais

A Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP) é um projecto com início em 1987, inserido num programa promovido pelo Ministério da Cultura, através da Direcção de Serviços de Bibliotecas do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB). Este organismo pretende garantir o acesso do livro ao cidadão

enquanto meio privilegiado da difusão da língua e da cultura, assumindo diferentes formas de intervenção globais e específicas, como a de apoiar a modernização das bibliotecas da RNBP e de contribuir para que estas desempenhem um papel importante na Sociedade de Informação, combatendo desigualdades sociais e dinamizando a criação de novos serviços, de acordo com o Manifesto da Unesco (1994) que revela que “ *a biblioteca pública é a porta de acesso local ao conhecimento e à informação, proporcionando as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais.*”

Paralelamente à política educativa desenvolvida por estes concelhos do interior norte do país, existe uma forte aposta na construção ou reconstrução das bibliotecas que muito contribuem para alcançar os níveis de literacia desejáveis. No território do Vale do Minho existem 5 Bibliotecas Municipais, distribuídas pelos 5 concelhos, que têm a nobre tarefa de possibilitar o acesso aos seus serviços a toda a população independentemente do seu nível económico-social, sexo, raça ou idade, bem como de organizar actividades culturais e de promoção para todos, e assim dinamizar os seus serviços e promover o livro e a leitura nos seus mais diversos formatos e suportes de forma a incrementar altos níveis de literacia na sua população. Todas elas, as Bibliotecas de Melgaço, Monção, Vila Nova de Cerveira e Valença fazem parte da RNBP à excepção de Paredes de Coura que se encontra em fase de integração neste projecto.

Todas estas bibliotecas pautam o seu serviço com a premissa de que são um dos únicos, senão mesmo o único, espaço público capaz de proporcionar à população acesso à cultura, ao lazer e à informação.

Estas bibliotecas, na sua maioria, encontram-se apetrechadas com os meios e recursos necessários para o desempenho do papel que lhes cabe: preservação, difusão e acesso à cultura, ao conhecimento, à educação e à informação.

Neste sentido, são várias as actividades desenvolvidas no âmbito da promoção do livro, da leitura para além, da prestação dos tradicionais serviços de biblioteca, não descurando o uso das novas tecnologias. Desde a habitual hora do conto, encontros com escritores, feiras do livro, diversas actividades lúdico-pedagógicas, entre outras, estes serviços criaram uma parceria que lhes permite desenvolver projectos capazes de ter maior impacto e melhores resultados no seu objectivo de promoção do livro e da leitura. De salientar que para o êxito deste projecto foram convidados a participar na sua dinamização as Biblioteca Escolares, isto tendo em conta que o objectivo de promoção do livro e da leitura é um objectivo comum entre as Bibliotecas Municipais e Escolares, e que o papel que estas desempenham perto dos estudantes é deveras fundamental na dinamização das actividades desenvolvidas em torno da leitura.

6. O Projecto “Tásse” a Ler

Com um projecto inovador, a Comunidade Intermunicipal do Vale do Minho iniciou em 2005 uma parceria com as Bibliotecas dos cinco municípios de forma a implementarem, conjuntamente, acções que permitissem promover a leitura e a literacia em diversos grupos etários e cujo resultado fosse deveras visível na comunidade. Nesse mesmo ano, deu-se início ao projecto “Dar vida às letras” que se prolongou até 2007. Este projecto abarcou públicos desde o pré-escolar aos 2º e 3º ciclos do ensino básico, tendo sido de tal forma positivo que recebeu o Prémio de Inovação na Promoção da Leitura atribuído pela International Reading Association.

Na sequência desta parceria, a Comunidade Intermunicipal, em conjunto com as Bibliotecas candidatou-se ao concurso “Apoio a Projectos de Promoção da Leitura em Bibliotecas Públicas” da Fundação Calouste Gulbenkian com o projecto “Tásse” a Ler! destinado a jovens com poucos hábitos de leitura e em risco de insucesso e abandono escolar.

Vários estudos a nível europeu apontam o grupo etário entre os 12-16 anos como aquele em que decresce a frequência das bibliotecas, quer públicas, quer

escolares, assim como uma diminuição dos hábitos de leitura. Este projecto apresenta-se então como uma tentativa de resposta das Bibliotecas do Vale do Minho a esta situação, como se depreende dos objectivos específicos apresentados:

- Estimular e reforçar o contacto com o mundo do livro e da leitura;
- Estimular e reforçar a prática da leitura junto do público-alvo;
- Desenvolver novas formas de expressão e de interesse pela comunicação no livro e com o livro;
- Dar a conhecer as bibliotecas enquanto espaços de leitura, lazer e conhecimento;
- Valorizar o papel das Bibliotecas Públicas na promoção do livro e da leitura;

O projecto consiste na realização de uma série de actividades, com início em Novembro de 2009, cujo grande objectivo é aumentar as competências leitoras e de escrita dos jovens seleccionados através do seu envolvimento na leitura em espaços não escolares. Coordenado pela Rede de Bibliotecas do Vale do Minho, o “Tásse” a Ler! possui uma variedade dos conteúdos (escrita criativa, corpo e grafismo, contos e eventos performativos e musicais) que se justifica pelas diferentes abordagens que se vêm fazendo ao fenómeno da leitura. Estas acções têm como ponto de partida serem desenvolvidas fora do contexto escolar intervindo directamente em ambiente não escolar usando uma metodologia de educação não-formal. Bibliotecas Públicas, cafés, bares e outros locais frequentados por jovens são os locais preferenciais para a realização destas actividades. Os espaços foram escolhidos por se acreditar que o Livro e a Leitura podem estar presentes em qualquer lado e chegar até aos leitores jovens de formas inesperadas e informais, assumindo, assim, a Biblioteca Pública e, conseqüentemente, a Rede de Bibliotecas do Vale do Minho um importante papel como promotoras da Leitura através deste projecto.

A variedade dos conteúdos faz sentido tendo em conta as diferentes abordagens que se vêm fazendo ao fenómeno da leitura no mundo contemporâneo, esperando que os factores surpresa e variedade funcionassem como elemento

sedutor para as práticas leitoras, estabelecendo pontes com o espaço de leitura pública.

Este projecto, com início em Novembro de 2009, teve por base a implementação de um conjunto de quatro acções com o objectivo de criar hábitos de leitura e desenvolvimento de competências leitoras em jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos.

Todas as acções foram dinamizadas pelo mediador cultural Miguel Horta, conhecido escritor ilustrador e contador de histórias cuja experiência neste tipo de projectos é já muito vasta e com resultados positivos que lhe atribuem índices muito positivos nos resultados finais dos mesmos.

6.1 Descrição das Actividades

Acção I: Escrita Mal Comportada - Como nasce uma pequena comunidade de leitores jovens - Esta acção consiste numa oficina criada para despertar a escrita nos jovens de uma forma informal, lançando mão de uma metodologia de escrita criativa a par de outros recursos menos habituais. É um espaço destinado a jovens do 7.º ano, onde se propõe o desenvolvimento da competência da palavra.

A Escrita Mal Comportada foi a acção com mais continuidade, isto é, cada turma esteve presente em três sessões: na primeira, a leitura de livros em imagens, a escolha de palavras aleatórias e a construção de poemas, na segunda, os livros aliados à televisão e ao som e na terceira o Museu das palavras com recurso a diversos objectos fizeram com que todos se entusiassem e descobrissem capacidades de leitura e escrita até então desconhecidas.

Acção II: Eu Sou Tu – Oficina de desenho, experimentação do corpo e escrita criativa - A presente acção passa por um ateliê de exploração das possibilidades do corpo e das personagens que habitamos, utilizando grandes folhas de papel de cenário que funcionam como uma espécie de espelho. Este

ateliê trabalha a competência do trabalho colectivo, o corpo e a escrita criativa. Nesta acção será realizada com turmas cujo insucesso é mais denunciado trabalhou-se o desenho do corpo com formas diversas que no final davam imagens e palavras que contavam histórias e segredos, deixando aos intervenientes total liberdade para imaginar.

III: Um Rio de Contos - Sessão de contos e leitura de textos, em local pouco habitual, garantida por contadores de histórias, a ter lugar num café, bar ou outro local frequentado pelos jovens. Será uma acção aberta a todos quantos queiram participar (pais, professores, educadores, etc).

O Rio de contos contou com a participação, além do Miguel Horta, do contador de histórias Thomas Bakk. Realizada em ambientes cujo público era muito diversificado, e tendo como ponto de partida a criação de uma biblioteca esporádica no local da sua realização, esta acção teve um maior impacto na sociedade, divulgando o livro, a biblioteca, o projecto e novas formas de ler e de ouvir.

Acção IV: Performance “Camões era um Poeta Rap” - Camões é um Poeta Rap é um evento performativo e musical – com a qualidade literária do génio de Camões – concebido para pequenos auditórios, espaço de café-concerto, livrarias, cafetarias – pois pretende-se manter uma relação próxima com o público. O público-alvo abrangido por esta acção centra-se nas turmas do 8º e 9º ano do Ensino Básico.

Tendo em conta o conteúdo programático e as obras estudadas pareceu-nos que Camões seria um bom autor para explorar novas formas de ler, de ouvir e de cantar os seus cantos. Num misto de poemas camonianos com rap e hip-hop, a abordagem da poesia abriu com certeza novas portas ao seu estudo por parte destes jovens.

6.2 – Fundo bibliográfico, divulgação e imagem do projecto

Logo nas primeiras reuniões realizadas com o mediador do projecto, Miguel Horta, discutiu-se a importância de fazer um estudo acerca da existência de fundos bibliográficos capazes de captar a atenção de um público tão especial.

Assim foi aconselhada uma lista de títulos a adquirir de forma a responder a esta questão, bem como chamar a atenção dos técnicos de biblioteca no que diz respeito ao aconselhamento do tipo de leitura, de forma a conseguir entender o que chama a atenção destes jovens e proporcionar-lhes aquilo que mais os cativa.

Posteriormente a criação de uma imagem que identificasse o projecto foi também discutida. A criação de um logótipo que integrasse o cartão de leitor, nas respectivas bibliotecas, dos intervenientes no projecto foi um passo que se achou importante para iniciar o interesse dos mesmos. (Anexo I)

Numa altura em que reinam as novas tecnologias era obrigatório que este projecto se fizesse acompanhar de um blogue onde fosse possível divulgar as actividades, colocar os resultados das mesmas e fazer comentários ao desenvolvimento do Projecto.

Pode-se encontrar o resultado em <http://tassealer.blogspot.com/>. Aí podemos encontrar fotografias das acções, trabalhos realizados pelos envolvidos e comentários de todos os intervenientes que quiseram partilhar alguma coisa com todos aqueles que acessem a este blogue. Ele é um pouco o espelho de tudo o que foi realizado durante este ano de projecto.

Também a comunicação social foi importante na divulgação das actividades tendo sido lançadas várias notas de imprensa que deram a conhecer as datas e os conteúdos das acções.

CAPÍTULO III – Estudo Empírico

7. Apresentação do Estudo Empírico

Como temos defendido até agora os baixos índices de leitura apresentados nos concelhos do Vale do Minho são uma preocupação constante de todos aqueles que de alguma forma se preocupam em formar cidadãos capazes de enfrentar sem barreiras esta nova sociedade do conhecimento. Família, Biblioteca e escola são, sem dúvida alguma, pilares de sabedoria e conhecimento nos quais os nossos jovens se devem apoiar para o seu desenvolvimento intelectual.

O défice de leitura nas camadas mais jovens é demasiado alto quando comparado com outros países sendo no 3º ciclo que o afastamento da leitura mais se reflecte e sendo por isso, este estudo, direccionado principalmente a este público.

Tendo como ponto evidente que a leitura é uma competência transversal urge que se desenvolvam projectos capazes de inverter esta situação e consequentemente combater o insucesso e abandono escolar.

Para atingir estes objectivos é necessário criar actividades motivantes que aproximem o livro destes jovens e desenvolva o gosto pela leitura.

Assim coloca-se a questão: O que se tem feito para promover a leitura em jovens do 3º ciclo? As bibliotecas têm dinamizado actividades neste sentido?

É por termos a noção de que as nossas bibliotecas (do Vale do Minho) não têm dedicado muita atenção a este tipo de utilizador que desenvolvemos o presente projecto e o seu consequente estudo.

Partindo deste estudo das bibliotecas municipais, pretendemos saber de que modo as actividades de leitura promovidas podem contribuir para a mudança de atitude e de comportamento dos alunos face ao livro e à leitura e consequentemente à aquisição de competências de leitura e à redução das taxas de abandono e insucesso escolar.

Neste estudo, e para melhor entendermos toda esta situação, são colocadas as seguintes questões, para as quais procuramos encontrar resposta no nosso trabalho empírico:

1. Que utilização faz, esta faixa etária, da biblioteca?
2. O que representa ler e o que lêem estes utilizadores?
3. De que modo estes projectos de incentivo à leitura contribuem para o incentivo à leitura e à aquisição de competências de leitura?
4. De que forma estas competências contribuem para o êxito do seu percurso escolar?

7.1. Opções Metodológicas

O nosso estudo integra-se no domínio do estudo de caso em combinação com a investigação-acção.

O estudo de caso representa um estudo empírico que investiga fenómenos num contexto real, no qual devem ser usadas diversas fontes de informação sobre o mesmo fenómeno, de forma a alcançar conclusões credíveis. Segundo Yin (1984), o crescente uso do estudo de caso deve-se ao desejo de perceber os fenómenos sociais, cada vez mais complexos, permitindo uma investigação mais próxima da vida real.

Muito utilizado no âmbito das Ciências Sociais, o método de estudo de caso tem sido adoptado para estudar uma pessoa, um acontecimento, uma organização, uma instituição, uma associação, um grupo social, uma sociedade nacional, um processo ou dinâmica social. O “estudo de caso” consiste, pois, no estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular (Stake, 1995), dando expressão a uma ciência do singular e do concreto. Como diz Erickson (1986), embora a descoberta de princípios universais da vida social não seja impossível, a manifestação desses princípios num dado meio é única, pelo que, a sua descoberta só se poderá fazer após um estudo pormenorizado de casos particulares. O interesse do estudo de caso, incide, portanto, naquilo que ele tem de único, de particular e, mesmo que posteriormente se venham a verificar certas

semelhanças com outros casos ou situações, o propósito do estudo de caso é analisar e compreender algo singular, que tenha um valor em si mesmo.

Embora haja uma grande convergência de perspectivas, o método de estudo de caso pode adoptar distintas orientações, podendo, por exemplo, privilegiar mais a investigação qualitativa ou quantitativa ou ainda combinar as duas.

No presente trabalho procura-se entender a motivação dos alunos do 3º ciclo para a leitura, a importância que possuir competências de leitura e escrita tem na prevenção do insucesso e abandono escolar e de que forma os projectos de incentivo à leitura podem contrariar estes dados de baixos níveis de literacia.

Afirmar que a natureza deste estudo apresenta a relevância aos três níveis referidos por Gil (1999) parece-nos conveniente. Assim, a sua relevância científica decorre do facto de se tratar de um contributo, ainda que humilde, para a construção de novos conhecimentos, dentro da temática sob a qual se inscreve; a relevância prática assenta na possibilidade de, em face do que passarmos a conhecer sobre os hábitos de leitura nestes adolescentes, podermos actuar no sentido de estimular ou corrigir aspectos que mereçam a nossa atenção e intervenção; quanto à relevância social, todas as medidas que sejam implementadas no sentido de melhorar os níveis de literacia e o aumento da escolaridade podem ser consideradas relevantes, do ponto de vista social.

7.2. Técnicas de recolha de dados

7.2.1 O inquérito por questionário

A técnica de recolha de dados deste estudo incidiu na construção de dois inquéritos: um primeiro utilizado na fase inicial da investigação, em Novembro de 2009, e um outro utilizado no final do projecto, em Junho de 2010.

O primeiro inquérito (Anexo II) pretendia averiguar os hábitos de leitura, os seus gostos, a forma como viam o acto de ler, a selecção de espaços para ler e a sua

relação com os meios de comunicação. O questionário compôs-se de perguntas de resposta fechada com recurso a diferentes tipos de escala e as duas questões abertas prendiam-se com o que estavam a ler naquele momento e os programas que mais gostavam de ver.

O último questionário (Anexo III) teve como principal objectivo a avaliação da experiência, de forma a perceber o contributo que este projecto deu à criação de hábitos de leitura e de que forma os alunos encaram a participação neste tipo de projecto e a sua importância na criação de competências leitoras.

Ambos os questionários foram administrados em sala de aula, pelos professores acompanhantes do projecto.

7.2.2 Observação Participante

Na perspectiva de de Herbert *et al* no que diz respeito a esta técnica de recolha de dados, “na observação participante, é o próprio investigador o instrumento principal de observação” e acrescenta “a participação, ou seja, a interacção observador/observado está ao serviço da observação” (Herbert *et al*,2005: 155). Por outro lado, Bogdan & Biklen, referindo-se aos estudos de caso de observação, apontam que a melhor técnica de recolha de dados consiste na observação participante e o foco do estudo centra-se numa organização particular (escola, centro de reabilitação) ou nalgum aspecto particular dessa organização” (1994: 90). No nosso caso, centrámos o estudo em 10 turmas de 7.º ano de escolas do Vale do Minho. Contudo, os mesmos autores alertam para o perigo desta investigação, visto que “a escolha de um determinado foco, seja ele um local na escola, um grupo em particular, ou qualquer outro aspecto, é sempre um acto artificial, uma vez que implica a fragmentação do todo onde ele está integrado” (idem). No entanto pensamos que nesta investigação este aspecto foi de algum modo precavido, pois conhecemos o meio envolvente e as dificuldades a ter em conta. Neste método as notas de campo constituíram o instrumento mais

utilizado aquando das nossas visitas às acções desenvolvidas, o que nos permitiu tirar importantes conclusões acerca do trabalho desenvolvido.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS E DAS ACÇÕES

8. Questionário Inicial

8.1 Caracterização da Amostra

Como tem sido referido ao longo deste estudo, ultimamente, foram feitos vários esforços para promover a leitura em várias faixas etárias, com maior incidência nos grupos escolares.

Desde cedo a criança tem contacto com o livro mas o que constatamos é que à medida que vão avançando na idade, estas crianças revelam uma diminuição nos seus hábitos de leitura como confirma Sobrinho ao afirmar que “a partir dos 13 anos costuma verificar-se uma certa desorientação nos jovens leitores. Muitos deixam de ler ou não encontram a leitura adequada” (2000, pág.55).

No entanto, contrariando um pouco o que até aqui afirmamos, Maria de Lurdes Lima dos Santos, no estudo *A Leitura em Portugal* (2007) , mostra-nos que 89% da população que respondeu ao inquérito afirma manter o gosto pela leitura adquirido em criança, contra 11% que perdeu esse gosto. No entanto, este estudo revela-nos também um dado importante e que nos interessa particularmente: 32,4% praticam leitura por gosto ou por prazer e 29,8% por passatempo ou distração. Os restantes fazem-no por obrigação/ necessidade/dever.

Para contrapor esta tendência é necessário fazer um trabalho de campo, em parceria com todos os agentes educativos, de forma a incutir nos potenciais leitores hábitos de leitura fortes que os acompanhem ao longo da vida.

No início a nossa amostra foi constituída por cerca de 360 alunos, sendo que este numero é dividido entre duas das acções propostas: “Escrita Mal Comportada” e “Eu Sou Tu”.

Entretanto o nosso estudo recaiu sobre as turmas que fizeram parte da acção “Escrita mal Comportada” por uma única razão, esta acção foi a que contou com trabalho continuado, ou seja, os grupos tiveram 3 encontros com o mediador cultural, enquanto que, na sessão “Eu Sou Tu” os grupos estiveram uma única

vez com este mediador o que não permite tirar grandes conclusões nem perceber alguma evolução.

Sendo assim a amostra deste estudo engloba cerca de 173 alunos do 7º ano de escolaridade dos concelhos de Monção, Paredes de Coura, Valença e Monção (2 turmas por concelho). Em contraposição com os restantes concelhos, Melgaço, apresentou o projecto ao Agrupamento Escolar que não aceitou a integração no mesmo. Assim sendo, neste concelho, as turmas envolvidas são totalmente diferentes do restante grupo, frequentando o ensino profissional, EPRAMI (Escola Profissional do Alto Minho Interior), ocupando uma faixa etária mais alta e sendo de origens diferentes (Cabo-verdianos, Brasileiros, Portugueses, etc.) o que nos permite fazer um estudo interessante com diversas culturas onde a leitura também não ocupa uma percentagem muito alta nas tabelas dos hábitos de leitura.

Estas turmas foram seleccionadas por apresentarem menos hábitos de leitura e riscos elevados de abandono e insucesso escolar.

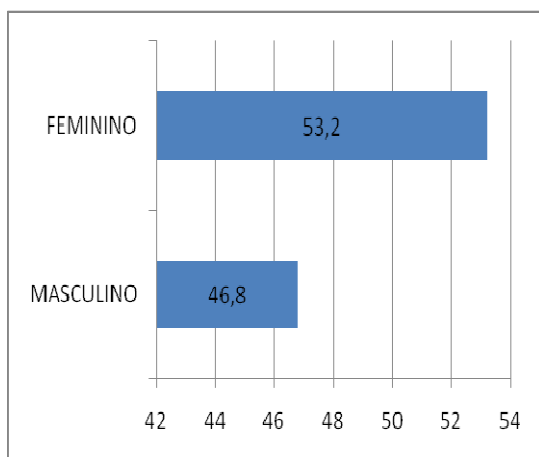


Gráfico 4 – Sexo dos Inquiridos

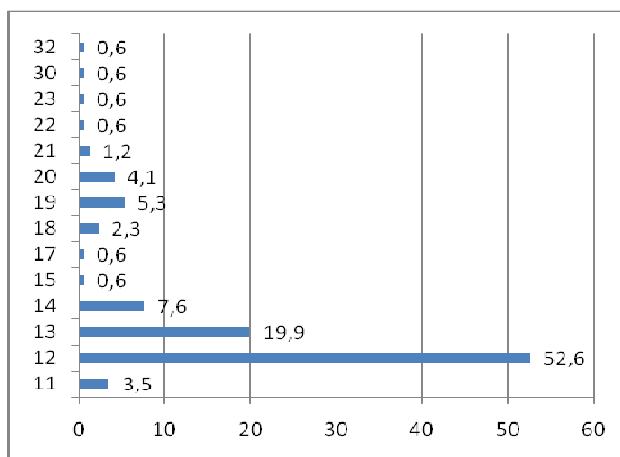


Gráfico 5 – Idade dos Inquiridos

Como já anteriormente foi referenciado, participaram neste estudo 173 jovens, dos quais 53,2% são do sexo feminino e os restantes 46,8 do sexo masculino.

As idades dos inquiridos variam entre os 11 e os 32 anos apresentando uma média de 13,65 e o desvio padrão é de 3,25 verificando-se que a grande maioria, 52,6%, tem 12 anos.

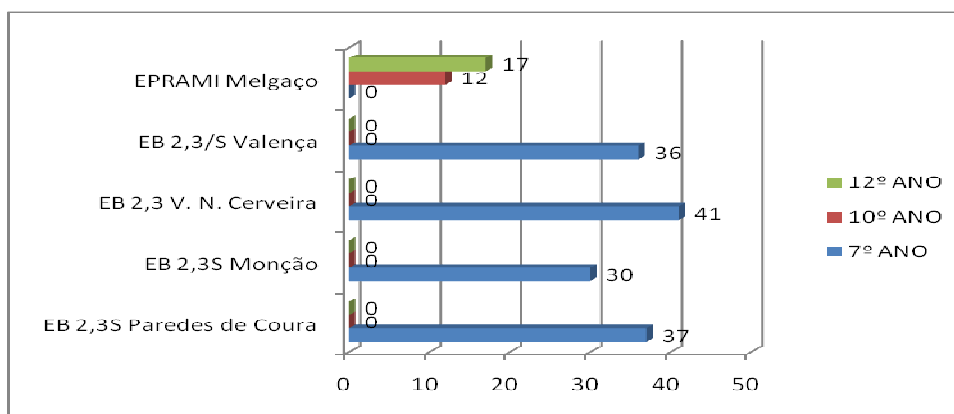


Gráfico 6 – Escolaridade dos inquiridos por concelho

Neste gráfico podemos perceber quais as escolas envolvidas no projecto e os níveis de escolaridade do público envolvido. Vemos que 83,2% da amostra frequenta o 7º ano de escolaridade, para o qual este projecto foi direccionado, envolvendo os concelhos de Valença, Cerveira, Monção e Paredes de Coura. Os restantes 16,7% frequentam o 10 e 12º ano devido à não aceitação do projecto na EB 2,3/S de Melgaço o que obrigou a recorrer à Escola Profissional tendo alterado o nível de escolaridade dos grupos envolvidos.

8.2 – Relação com as Bibliotecas

Nesta questão tentamos perceber a relação que os inquiridos têm com as bibliotecas.

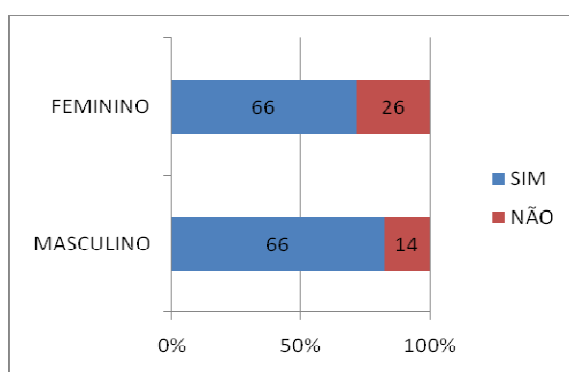


Gráfico 7 – Frequência da Biblioteca por sexo

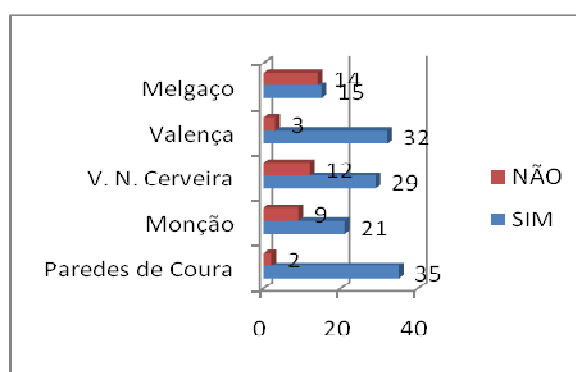


Gráfico 8 – Frequência da Biblioteca por concelho

Os gráficos mostram-nos que a grande maioria afirma frequentar a biblioteca verificando-se até que o número entre o sexo feminino e masculino é igual. A diferença encontra-se naqueles que responderam Não à questão onde se visiona uma discrepância entre sexos, sendo que o número mais alto dos que não frequentam respeita ao sexo feminino. Quando avaliamos o gráfico por concelho deparamo-nos com vários casos: Valença e Paredes de Coura atingem valores onde a frequência da Biblioteca é quase total, enquanto em Monção e Cerveira os valores se dividem mais, demonstrando que existe um maior número de inquiridos que não frequentam as respectivas Bibliotecas. Em Melgaço é notório o valor daqueles que responderam que não à questão. Este aspecto, do concelho de Melgaço pode estar relacionado com a faixa etária muito acima da média deste estudo, sendo alunos adultos que, na sua maioria, abandonaram a escola há anos e retomaram agora os seus estudos.

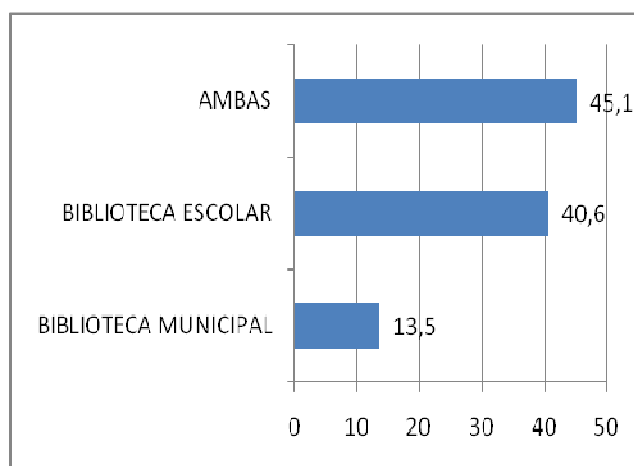


Gráfico 9 – Biblioteca Frequentada

Quando questionados que tipo de biblioteca frequentam, dos que responderam afirmativamente à questão anterior, 40,6% asseguram que a biblioteca escolar é a única que procuram. Em contrapartida 13,5% utiliza a biblioteca municipal e somente 45,1% diz frequentar as duas. Estes dados podem justificar-se com os horários preenchidos que não permitem aos alunos procurar a biblioteca municipal, bem como à política de transportes que assegura que a grande maioria entre e saia dos autocarros à porta da escola, e ainda com o factor de quase todos não terem permissão para sair do espaço escolar. No entanto, uma grade

fatia procura as bibliotecas, sobretudo a escolar, o que já é um factor muito positivo.

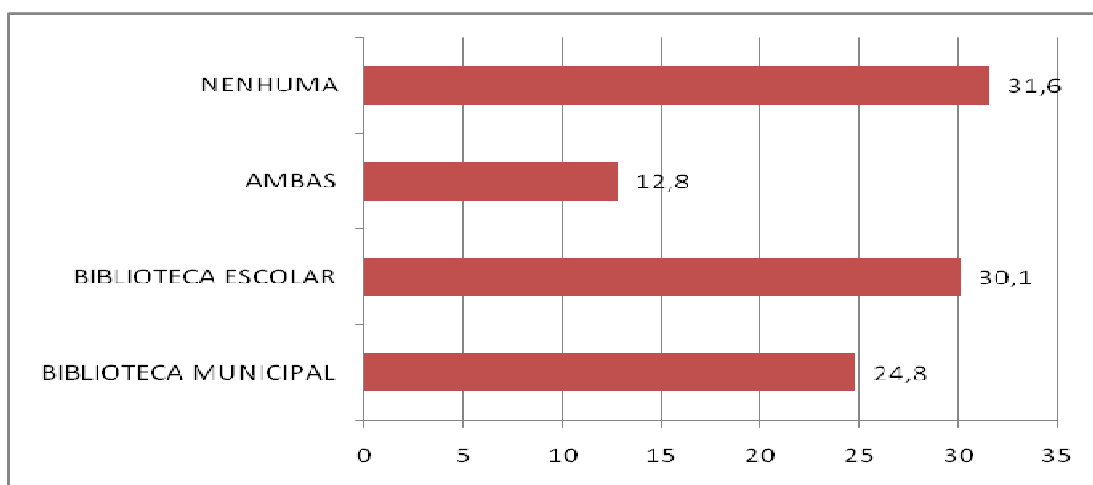


Gráfico 10 – Inscrição na Biblioteca

Dos que frequentam estes serviços apenas 67,7% afirma estar inscrito em alguma delas ou em ambas, enquanto uma grande fatia, cerca 31,6% declara que não se inscreveu em nenhuma.

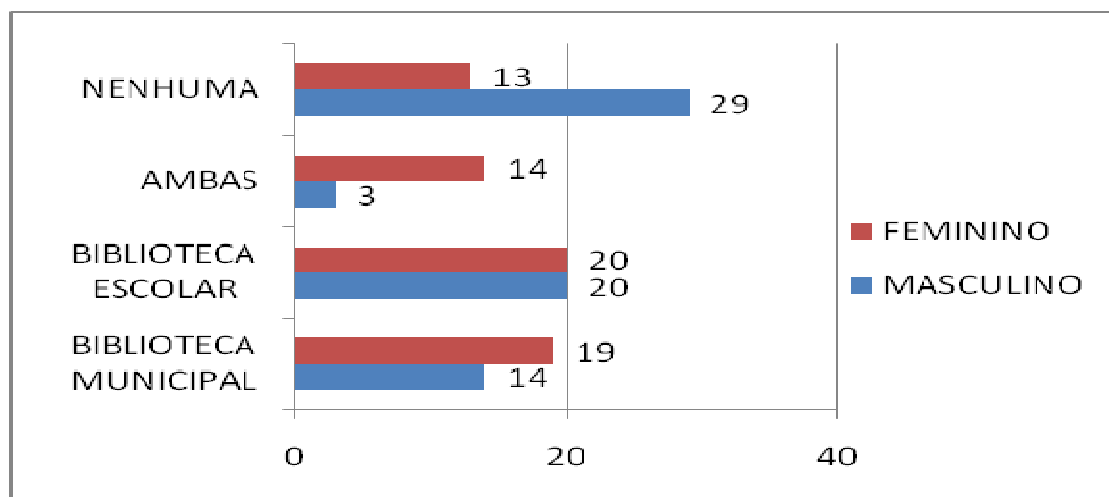


Gráfico 11 – Inscrição na Biblioteca por sexo

Ao cruzarmos estes dados com o sexo dos inquiridos concluímos que as mulheres se inscrevem mais que os homens, mas isto torna-se evidente quando olhámos para os valores daqueles que não estão inscritos em nenhuma Biblioteca onde a diferença é bastante significativa, 13% o sexo feminino e 29% o sexo masculino. Dos que dizem estar inscritos em ambas as Bibliotecas a disparidade

de valores também é expressiva sendo que 14% são do sexo feminino e somente 3% do sexo masculino.

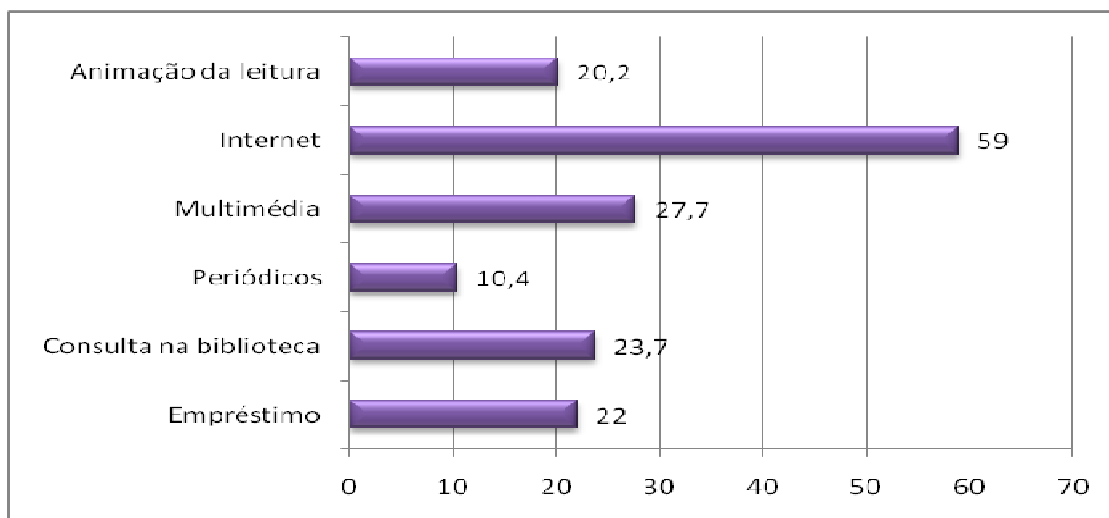


Gráfico 12 – Serviços Procurados na Biblioteca

Tendo em atenção os serviços que os inquiridos mais procuram na biblioteca concluímos que 59%, afirmam que a internet é o que mais procuram seguindo-se a multimédia com 27,7% das escolhas confirmando que o uso das tecnologias ocupam as preferências destes grupos. A consulta na Biblioteca, a animação da leitura e o empréstimo têm valores muito semelhantes não ultrapassando os 24% o que nos leva a reflectir nas políticas de promoção do livro e da leitura e nos resultados obtidos com as mesmas bem como do papel das Bibliotecas e dos seus técnicos nesta área. Os periódicos fazem parte de um tipo de leitura mais seleccionado, ou seja, só 10,4% admitem ler este tipo de documento.

8.3 – Relação com a leitura

Nesta parte do inquérito tentamos perceber qual a relação dos inquiridos com a leitura e as razões que os levam, ou não, a ler.

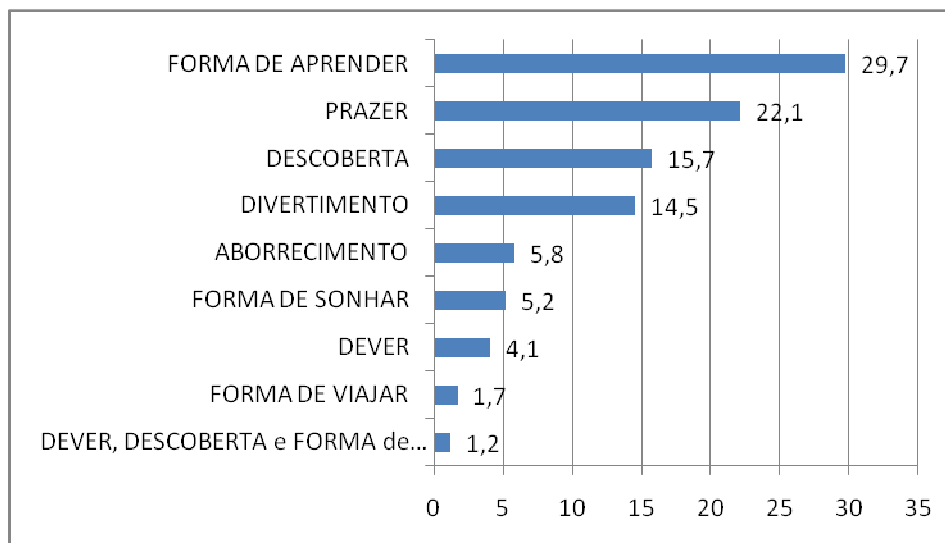


Gráfico 13 – Significado da leitura

Após analisarmos o presente gráfico e tendo em conta que poderiam escolher várias opções, deparamo-nos com diferentes significados para o acto de ler sendo que 29,7% seleccionaram “uma forma de aprender” para responder a esta questão. Seguem-se “um prazer” e “descoberta” com 22,1% e 15,7% respectivamente e “um divertimento” para 14,5%. De salientar que cerca de 10% vêm a leitura como um “aborrecimento” ou um “dever”. Estes dados confirmam que é importante reflectir acerca das actividades de incentivo à leitura de forma a estimular ainda mais o prazer da leitura.

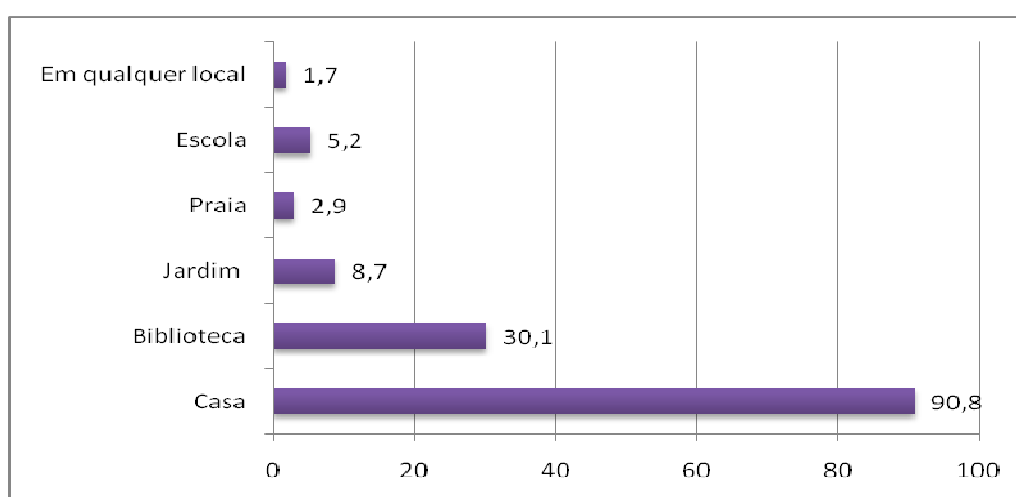


Gráfico 14 – Local Favorito de Leitura

No gráfico acima representado podemos fazer uma leitura do local favorito para ler e da companhia que procuram para essa actividade. Quanto ao local 90,8% diz preferir ler em casa e 30,1% na biblioteca. Nos restantes locais poucos afirmam ler apresentando-se no quadro com baixas percentagens de escolha.

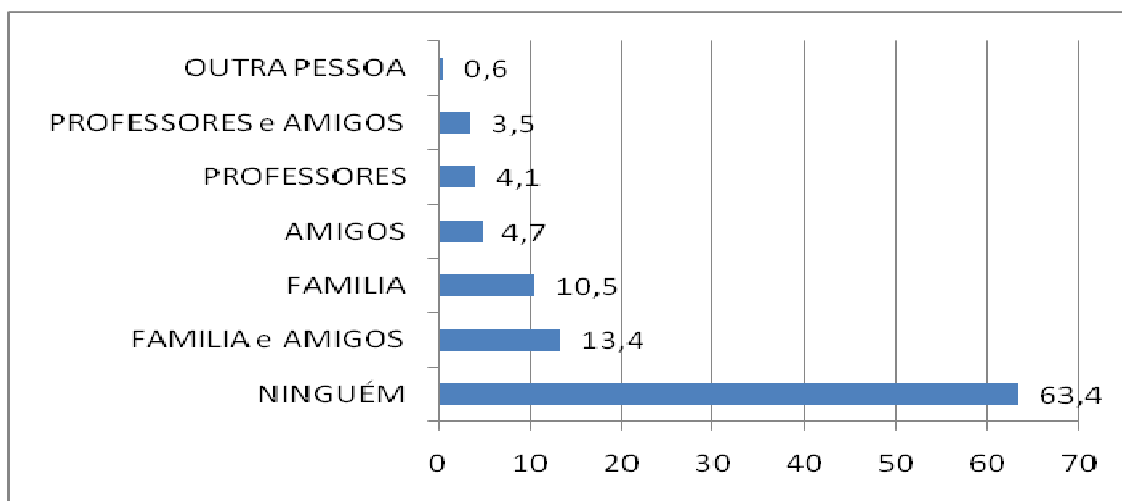


Gráfico 15 – Companhia para ler

Quanto à companhia, a larga maioria, 63,4%, opta por ler sozinho e 13,4 afirma procurar a companhia de família e amigos para o fazer. A família faz parte das opções de companhia da leitura para 10,5% dos inquiridos.

8.4 – Tipo de Leitura

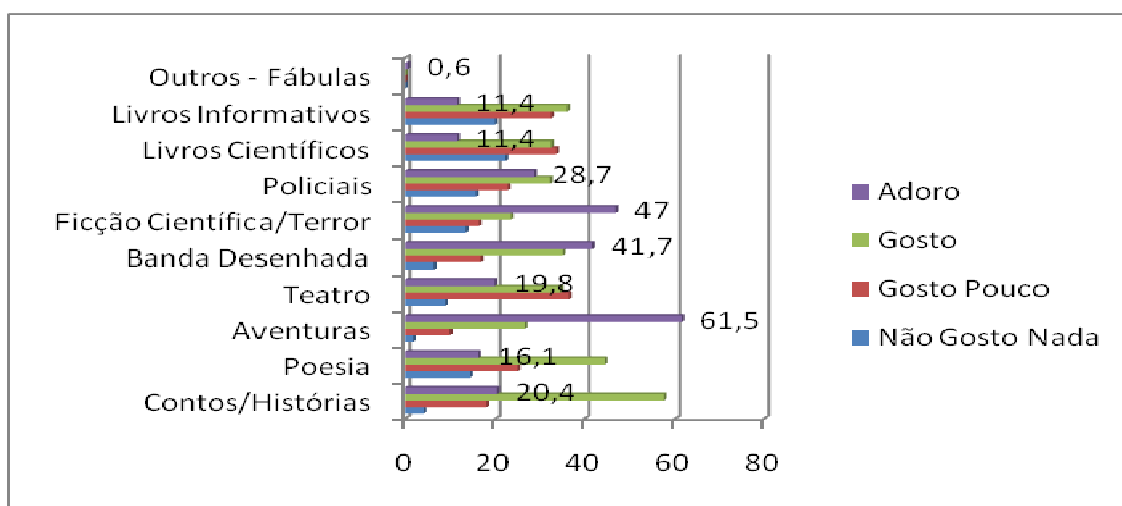


Gráfico 16 – Tema preferido de leitura

Nesta questão tentamos perceber que tipo de livro preferem estes jovens e as conclusões são bastante normais. Isto porque pela nossa experiência já esperávamos que os temas dos livros preferidos para a leitura andassem entre a aventura, a banda desenhada, a ficção científica e o terror. Logo atrás destas respostas de topo de tabela vem a resposta do “gosto” que se divide por todos os temas ocupando o lugar de destaque nas histórias e contos. Podemos concluir que os gostos são muito diversificados e que os livros informativos, e científicos ocupam a percentagem dos temas que menos gostam de ler.

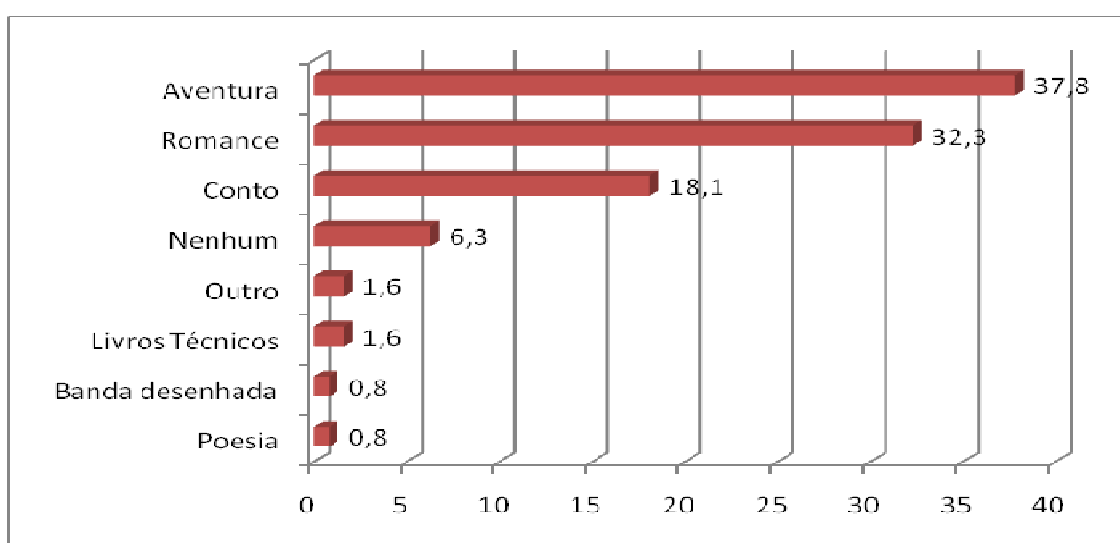


Gráfico 17 – Leitura actual

Numa das questões quisemos perceber o tipo de leitura que actualmente estes jovens estariam a fazer. Nas suas respostas esperávamos encontrar várias obras escolares obrigatórias, o que realmente aconteceu. No entanto, as escolhas recaíram, 32,3%, em livros de romance e 37,8% em livros de aventura, sendo que uma boa percentagem dos títulos é de autores portugueses o que confirma o trabalho dos professores neste campo e os conteúdos pedagógicos da disciplina de português. Os livros de conto representam 18,1% dos livros que os nossos inquiridos estão a ler. Poucos lêem outro tipo de livro. De salientar que uma grande percentagem de inquiridos, cerca de 6,3% não respondeu a esta questão ou respondeu “nada” o que implica que não estavam a ler o que quer que seja nessa altura.

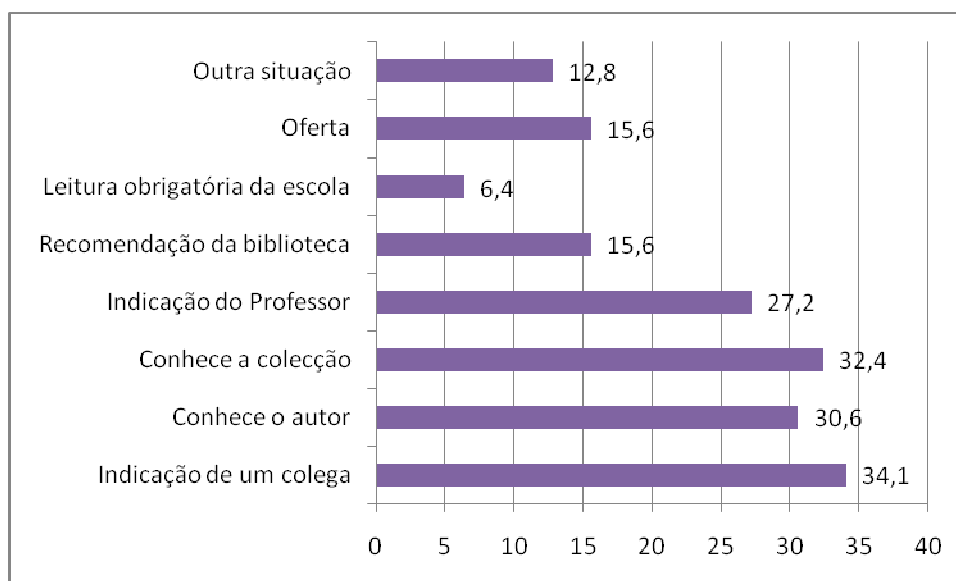


Gráfico 18 – Razão que leva a ler um livro novo

No gráfico acima, podemos ler a influência que terceiros podem ter na leitura dos nossos inquiridos. Assim 34,1% afirma ler um novo livro por indicação de um colega, enquanto 32,4% diz ler porque conhece a colecção e 30,6% porque conhece o autor. Só por indicação do professor surge com 27,2% e a obrigatoriedade de leitura na escola com 6,4%. É de referir que quando perguntamos se lê um novo livro porque lhe foi oferecido apenas, 15,6% responde afirmativamente.

Um ponto deveras preocupante é o papel que a Biblioteca apresenta neste domínio pois só 15,6% afirma ler um livro por indicação da Biblioteca. Isto leva-nos a pôr em causa o papel que estas representam perto desta comunidade. Tudo isto nos leva a repensar estratégias que nos permitam incutir nestes jovens o gosto pela leitura. Isto passa muito pelo incentivo, pela oferta e pela informação que deve partir de todos aqueles que têm um papel fundamental na sua formação.

8.5 – Multimédia

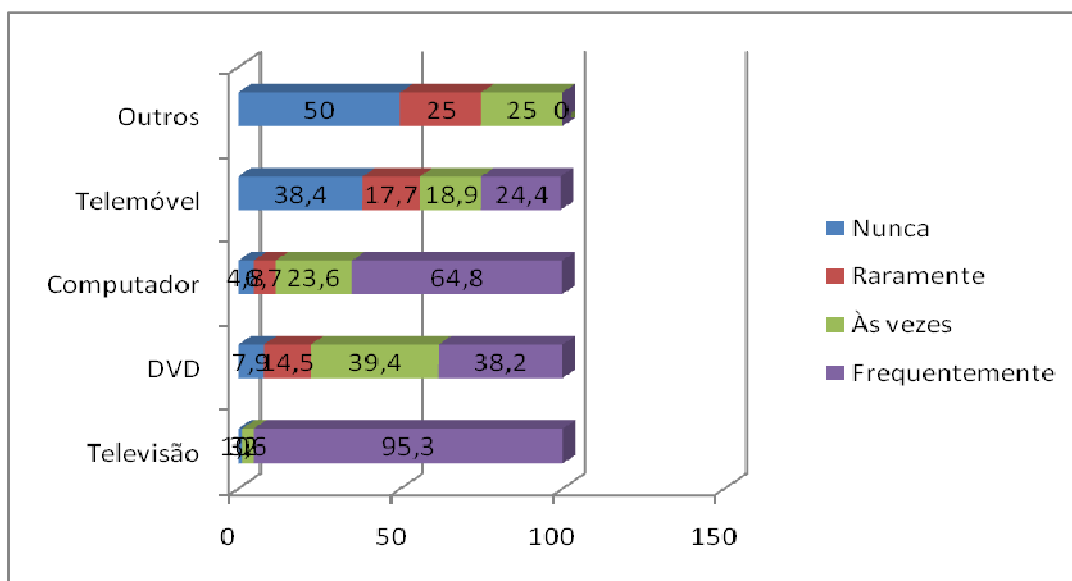


Gráfico 19 – Meio utilizado para ver os programas preferidos

Para analisarmos o papel dos meios de comunicação, multimédia e novas tecnologias propusemos uma questão que nos elucidasse da sua importância no quotidiano destes jovens. A leitura dos resultados leva-nos a concluir que a televisão, o DVD e o computador são os meios mais utilizados para verem os seus programas favoritos que, no gráfico abaixo representado, nos indica os filmes, as séries, as telenovelas e os videoclips como os programas preferidos dos inquiridos

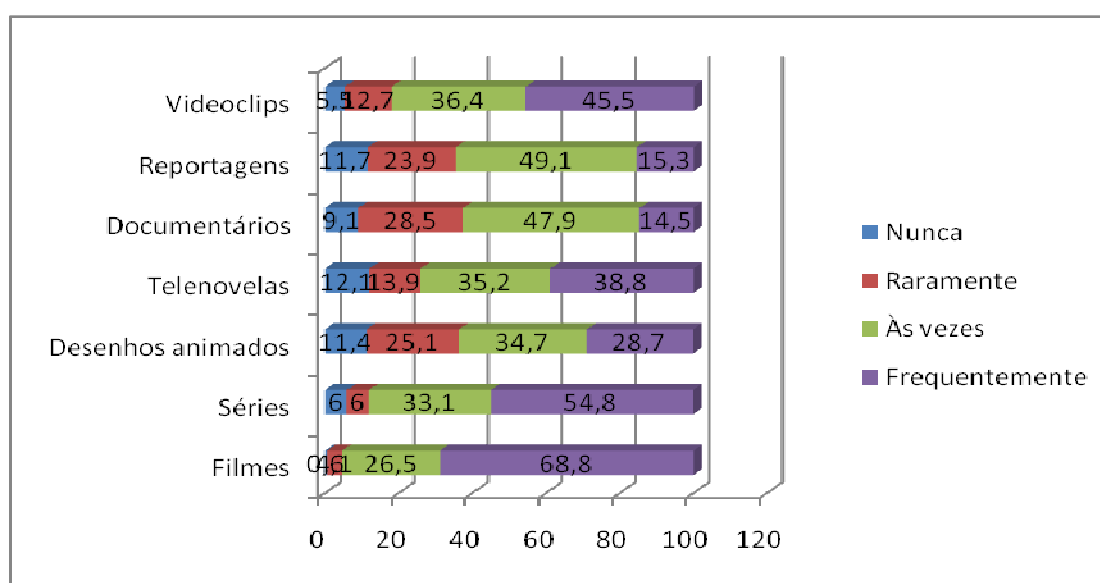


Gráfico 20 – O que mais gostas de ver

Após a apresentação da análise dos dados do questionário inicial, julgamos ser pertinente fazer uma síntese dos resultados obtidos e tecer algumas considerações que poderão ser de grande utilidade para atingir os objectivos do projecto em questão.

Com os resultados das primeiras perguntas não esperamos um cenário desfavorável, ou seja, quando analisamos os valores das respostas às perguntas sobre a sua relação com as bibliotecas deparamo-nos com uma percentagem bastante boa daqueles que afirmaram frequentar a biblioteca (escolar, municipal ou ambas) e ter pelo menos uma inscrição. Mesmo assim cabe-nos reflectir sobre aqueles que ainda não fazem parte deste grupo e perceber o que fazer para inverter a situação.

Na sequência destas questões, concluímos que os serviços que estas faixas etárias mais procuram têm a ver com a internet e o multimédia e só depois com o empréstimo, consulta na biblioteca e as actividades de promoção da leitura (encontro com escritores, ateliês, etc.). Aqui ficamos um pouco reticentes pois o empréstimo e a consulta ocupa uma percentagem bastante baixa o que pode ser um indicador de pouca actividade leitora.

Na sua relação com a leitura a maioria diz ter esta actividade como uma forma de aprender e uma fatia muito pequena diz ser um aborrecimento ou uma obrigação. No entanto, para muitos é um prazer, uma descoberta e um divertimento, o que pode ser uma grande ajuda se conseguirmos aproveitar estes dados para, com a ajuda destes e um trabalho em conjunto, estimular aqueles que não vêem o acto de ler como uma forma de prazer e iniciativa própria.

No que respeita à companhia que procuram para ler, a esmagadora maioria, assegura gostar de estar sozinho, que gosta de o fazer em casa e que as suas opções de leitura recaem basicamente em temas como o romance, a aventura e o conto. Fazendo uma leitura dos títulos mencionados, concluímos que muitos são obras de leitura obrigatória escolar e que os restantes se baseiam em títulos que “estão na moda”, sendo os vampiros um bom exemplo disso.

As conclusões a tirar da questão sobre a razão que os leva a ler um livro novo torna-se importante quando queremos perceber o papel, de familiares, professores e biblioteca neste campo. Assim apercebemo-nos que muitos lêem um livro por opção própria e por aconselhamento de outros, sendo que os amigos são os que ocupam a maior percentagem. Em contrapartida, o papel dos professores parece precisar de um reforço de entusiasmo de forma a incentivar estes alunos à leitura. A biblioteca também ocupa uma percentagem bastante baixa, o que é preocupante quando sabemos que é o seu principal papel.

Como estamos na era dos multimédia e das novas tecnologias quisemos perceber o papel destas ferramentas no dia-a-dia dos nossos inquiridos. Isto torna-se importante quanto perspectivamos usar tudo o que está ao nosso alcance e que os fascina para concretizarmos o nosso grande objectivo: torná-los bons leitores. Como era de esperar nestas idades aquilo que mais gostam de ver são filmes, séries e telenovelas utilizando para isso a televisão, o DVD e o computador.

9 – As acções do “Tásse” a Ler!

9.1 Escrita mal comportada

Como atrás já foi mencionado, este projecto contou com várias acções sendo que aquela cujo resultado pode ser mais profícuo será o da acção “Escrita mal comportada” devido à sua continuidade. Estas actividades pretendiam trabalhar o livro e a leitura com turmas de alunos com poucos hábitos de leitura, fora do contexto da escola, e foi assim que se desenvolveram com um intervalo de cerca de 3 meses, perfazendo 3 sessões em cada concelho. Estes encontros com o mediador convidado para o efeito, Miguel Horta, tiveram lugar nas diferentes Bibliotecas Municipais de cada concelho levando assim os alunos a descobrir novos espaços e novas leituras. Numa oficina de trabalho preparada para despertar a escrita nos jovens de uma forma informal, lançando mão de uma metodologia de escrita criativa a par de outros recursos habituais.

1ª Sessão – Máquina de Poesia

Numa primeira abordagem, o mediador Miguel Horta, escolheu um tema um pouco complicado para jovens com 12/13 anos, pese embora a opinião de que todos gostam de ler poesia como afirmaram numa questão anterior. No início todos se mostram como que desconfiados com aquelas palavras que vão sendo lançadas. De uma forma muito subtil, vão sendo lidas poesias que de repente são interrompidas por livros, sem texto, cujas imagens falam por si.

Num emaranhado de frases os alunos contam o que cada um vê e lê naquelas imagens e daí nasce uma ou várias histórias. Mas nada disto se escreve até que chega a parte da “poesia um pouco mal comportada” e aí todos dão aso à imaginação. Num papel de cenário vão-se escrevendo várias palavras sem grande nexos que posteriormente darão “poesias mal comportadas”. Daqui nasceram textos poéticos e para surpresa de todos, todos eram capazes de ser poetas. O resultado deste trabalho está espelhado no blogue do projecto com inúmeros trabalhos dos miúdos que incentivados pelos professores continuaram a trabalhar o tema dos quais damos aqui um pequeno exemplo.

O tigre beija a linda gazela.
O cão brinca com o gato.
O leão abraça calorosamente a chinchila cinzenta.
E eu abraço a amizade!

Queridas amigas, sem vocês a minha vida perdia o sentido.
Jéssica, Andreia e Soraia,
Doces como a papaia,
Calorosas como a praia!

Se o silêncio morresse,
Tudo seria diferente,
Os pássaros cantariam
Os humanos falariam
E a felicidade surgiria.

EB 2,3/S Paredes de Coura

2ª Sessão – Sons e Palavras

Esta actividade não tem um nome definido, decidimos no entanto dar-lhe este nome porque para se realizar era importante que existisse alguma tecnologia envolvida juntamente com palavras. Apesar de haver uma televisão, o que mais se utilizou foi a aparelhagem de música. A actividade parecia, e era, simples mas

o resultado era muito bom o que nos leva a pensar que com coisas simples se conseguem grandes feitos. Todos ouviam o mesmo som e todos o caracterizavam à sua maneira. Disto resultaram textos completamente diferentes demonstrando a capacidade de qualquer um utilizar a sua imaginação e fazer leituras diferentes e de todas estarem correctas.

Vejamos alguns troços de textos, retirados do blogue do projecto, cuja proveniência da raiz é a mesma:

"Era uma vez uma senhora que estava a subir as escadas. Abriu a porta e fechou-a até que encontrou pessoas e falou com elas. Deu um beijo, bebeu água e depois começou às gargalhadas. Fechou a porta, desceu as escadas e foi à praia onde ouviu o barulho das gaivotas e do mar."

Era uma vez uma mulher que andava de saltos altos no seu hotel. Desceu as escadas, abriu uma porta, ouviu os ingleses a rirem-se e a falarem. A seguir, a mulher beijou uma pessoa; feliz, abriu uma garrafa de vinho e embebedou-se. Em seguida, foi ao mar, ouviu as ondas a bater e gaivotas a piar"

Cindy e Catarina. EB 2,3/S de Monção

3ª Sessão – Museu das Palavras

Esta foi a última sessão animada pelo Miguel Horta mas nem por isso menos entusiasmante. O tema poesia esteve novamente presente embora desta vez o mediador tivesse novas formas de a apresentar.

Neste encontro, e tendo em conta o factor surpresa com que o Miguel Horta nos brinda sempre, para além de novos livros, apresentou-nos uma exposição peculiar de objectos que reuniu para expor na biblioteca. Foram observados, tocados, alguns, pouco comuns do quotidiano, despertaram interesse e tornaram-se aliados interessantes na construção das histórias criadas neste ateliê de escrita criativa.

Os jovens perceberam como pode ser divertido criar histórias de todos os tipos, trágicas, de terror, poéticas, emocionantes, de amor e vivenciaram como a criatividade pode estar sempre presente, basta estar atentos.

Aqui deixamos um pequeno trecho de uma história que se pode encontrar no blogue do “Tásse” a Ler.

“Era uma vez uma menina chamada Rita.
Rita estava a brincar no seu quarto e descobriu uma porta secreta.
A porta abriu-se discretamente, Rita assustou-se!
Dentro da porta Rita descobriu uma linda e magnifica praia com mar azul e areia amarela como o sol e leve
como uma andorinha.
Rita estava a andar e encontrou uma pequenina e minúscula caixinha de música ... Rita deu à corda e dentro
da mesma ouvia-se uma melodia muito pequenina e muito mas muito bonita.
Nessa praia em cima de um arbusto cantava um passarito muito alegre e contente, que parecia estar a
chamar por ela...
Rita estava muito feliz mas não tinha percebido o que era aquilo e o que estava ali a fazer...”
Cristiana Brito - Colégio de Campos

10 . Questionário Final de Avaliação

O questionário de avaliação continha treze questões simples e directas, para que os alunos respondessem sem quaisquer obstáculos de compreensão.

A nossa leitura focar-se-á em 9 delas por considerarmos que são as que mais informação relevante nos facultam para a avaliação dos resultados do projecto e de que forma resultou o trabalho elaborado com o público envolvido.

Responderam ao questionário 173 alunos, devidamente identificados, pois interessava-nos saber em que ponto estava o interesse de todos aqueles que iniciaram o projecto, sendo que nesta altura já existia a possibilidade de estes grupos continuarem mais um ano com o projecto “Tásse” a Ler, ao fim do qual um inquérito de avaliação obterá concerta respostas diferentes.

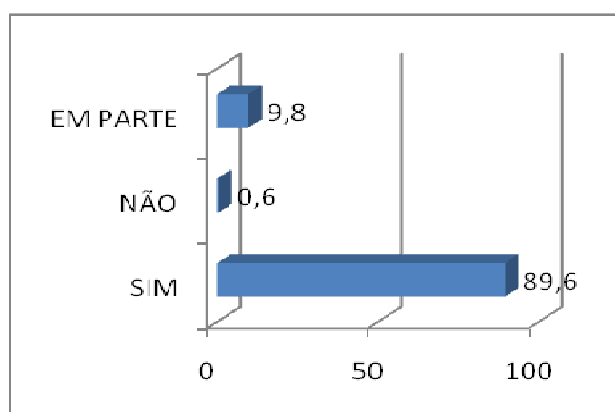


Gráfico 21 – O projecto correspondeu às expectativas?

Assim, à 1ª questão (o projecto correspondeu às tuas expectativas), 89,6% dos inquiridos responderam “Sim”, 9,8% responderam “Em parte” e somente 5 dos inquiridos responderam que “Não”. Estes são muito bons indicadores para uma avaliação positiva do resultado do trabalho desenvolvido.

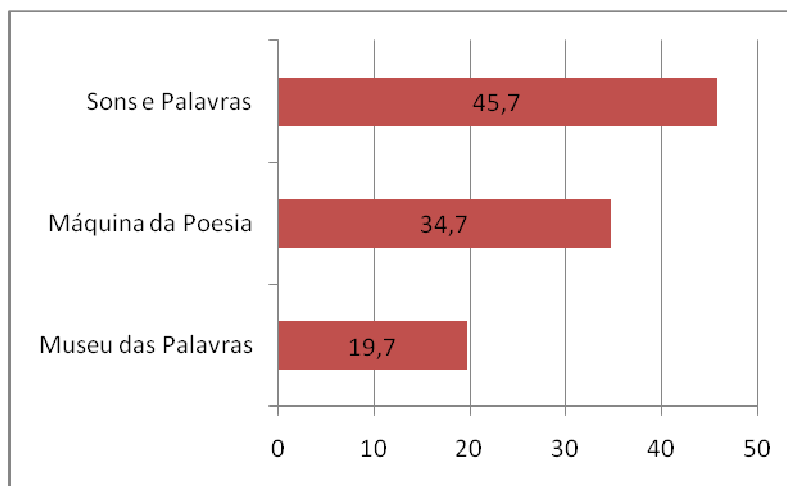


Gráfico 22 – Preferência da Sessão

No gráfico de cima encontra-se o resultado da preferência dos jovens acerca das sessões realizadas. Mais uma vez tudo aquilo que envolva equipamentos eléctricos e/ou tecnologias ganha vantagem pois quase 45,7% escolheram a 2ª sessão (sons e palavras), como a acção que mais lhe agradou ficando em segundo lugar, com 34,7%, a máquina de poesia e, por último o museu das palavras com 19,7%.

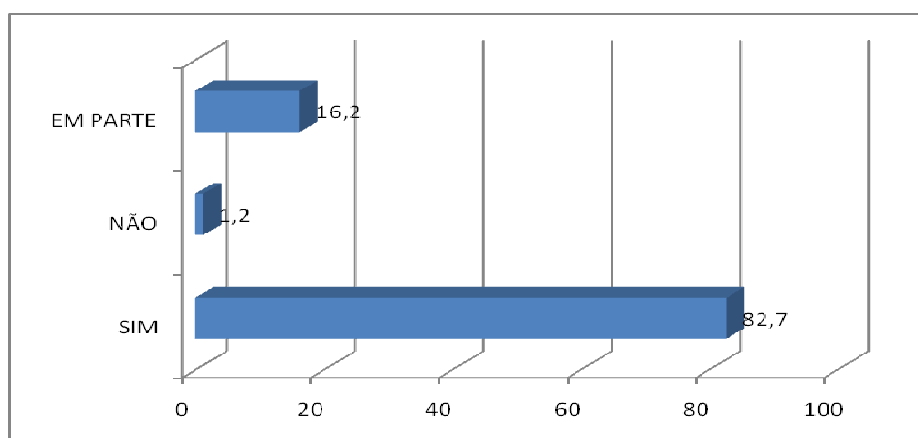


Gráfico 23 – Calendário das sessões

Quisemos também saber se o calendário tinha sido adequado. Nesta questão, a esmagadora maioria, 82,7%, respondeu que “Sim” enquanto cerca de 16,2% disse “Em parte” e somente 1,2 que “Não”. No que cabe à adequação dos locais de realização das sessões 91,5% achou adequado o espaço e somente 5,1 os achou desadequados.

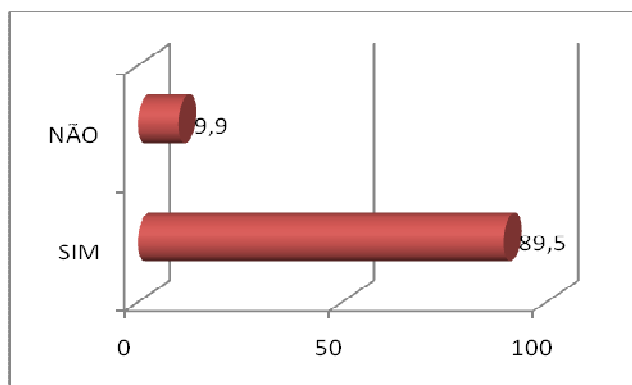


Gráfico 24 – Aumento do gosto pela leitura

Quando questionados se o projecto os tinha ajudado a melhorar o gosto pela leitura 87%, respondeu que Sim e somente 9,6 respondeu que Não o que nos leva a acreditar que o trabalho realizado deu frutos positivos.

No entanto, na questão seguinte, quando inquiridos se passaram a ler mais, menos ou o mesmo que liam antes, as percentagens descem um pouco, como podemos ver no gráfico seguinte, com 52,6% a afirmar ler mais do que lia antes e 44,5% o mesmo que lia antes, sendo que 2,9 escolheu a opção “Menos do que lia antes”.

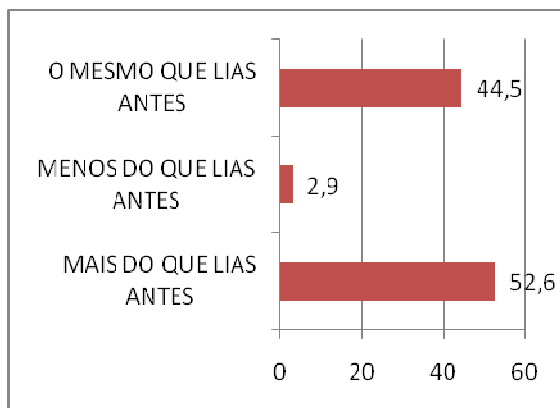


Gráfico 25 – Aumento da leitura

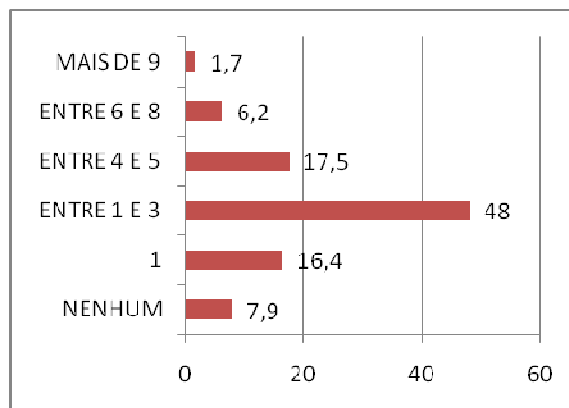


Gráfico 26 – Número de livros

Em contrapartida o gráfico que representa os valores dos números de livros que cada um leu desde o início do projecto a grande fatia responde que leu entre 1 e 3 livros (48%), entre 4 e 5 livros responderam 17,5% e acima dos 6 livros, o que é uma média muito boa, responderam cerca de 8% no total. No entanto 16,4% afirma ter lido um único livro e 7,9% nenhum o que nos deixa reticentes com estes resultados e atentos aos factores que provocam estes valores e às soluções para os contornar.

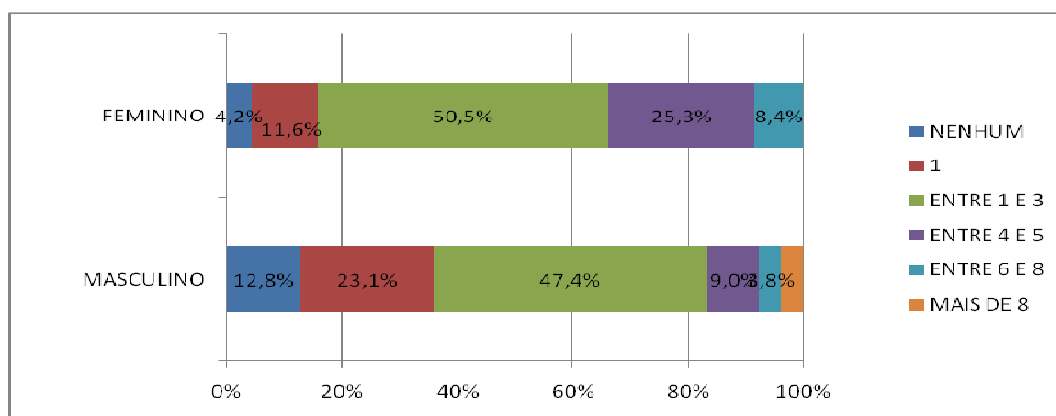


Gráfico 27 – Número de livros por sexo

Mesmo assim quisemos perceber mais profundamente quem lia mais e quem lia menos. Neste gráfico percebemos que a percentagem mais alta dos que respondem que não leram nenhum livro cabe ao masculino. Dos que leram 1 livro a percentagem maior também recai sobre os rapazes. Quando a tabela começa a crescer e os valores entram nos patamares “entre 1 e 3” o “4 e 5” e o “6 e 8” sexo feminino entra em vantagem. Em contrapartida somente alguns rapazes afirmaram ler mais de 8 livros desde o início do projecto.

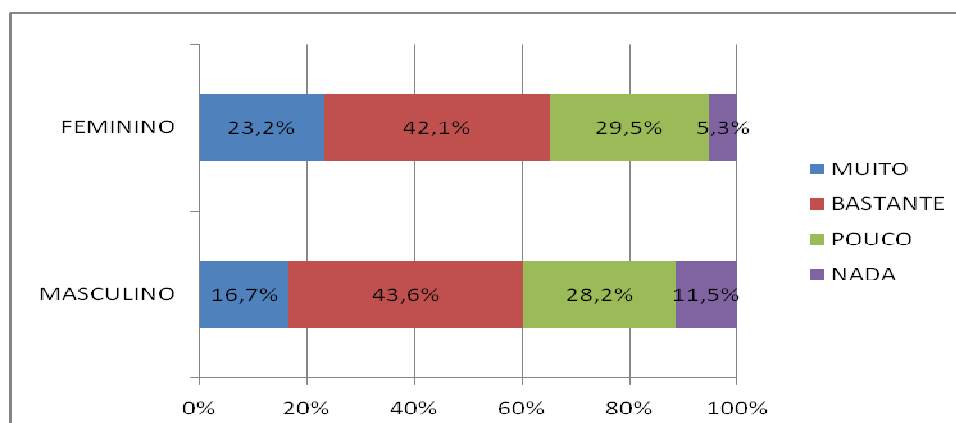


Gráfico 28 – Aumento do interesse pela escola por sexo

Na questão “Este projecto aumentou o teu interesse pela escola”, os resultados são os que podemos ver no gráfico acima representado. 23,2 das raparigas optam pela resposta “Muito” enquanto que somente 16,7% dos rapazes escolhem a mesma resposta. Quando avalíamos a resposta “Bastante” a percentagem é muito aproximada, 42,1% para as raparigas e 43,6% para os rapazes. À resposta “Pouco” respondeu uma percentagem bastante alta e muito similar nos dois sexos. Quanto à resposta “Nada” a diferença entre sexos é significativa sendo 11,5% para o sexo masculino e 5,3% para o sexo feminino afirmaram que não aumentou Nada.

O resultado deste gráfico é positivo pois na sua maioria, os inquiridos, assumem a importância do projecto no aumento do interesse pela escola.

Mesmo assim os resultados leva-nos a ponderar os resultados do projecto e a delinear novas estratégias, principalmente com os Professores de Língua Portuguesa que nos apoiam neste trabalho, para inverter os resultados menos positivos.

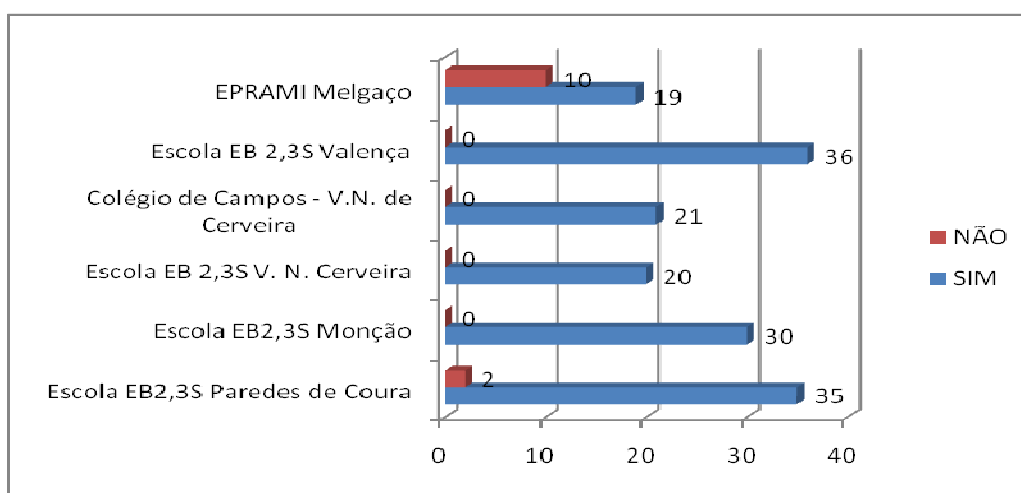


Gráfico 29 – Continuidade no projecto por concelho

Tentando perspectivar futuras intervenções deste género com este tipo de público, tentámos perceber a sua disponibilidade para continuar a participar em projectos deste género e os resultados são muito esclarecedores, a sua grande maioria respondeu que Sim o que nos leva a concluir que o projecto foi bem aceite e que os resultados positivos surgiram e continuarão a surgir com um

trabalho continuado. No entanto o único concelho onde a resposta negativa à questão teve mais impacto foi em Melgaço. Mais uma vez nos parece que a característica “Idade” influenciou a resposta.

No final do inquérito, colocámos 5 frases com as quais os inquiridos deveriam responder se concordavam ou não e os resultados são os seguintes:

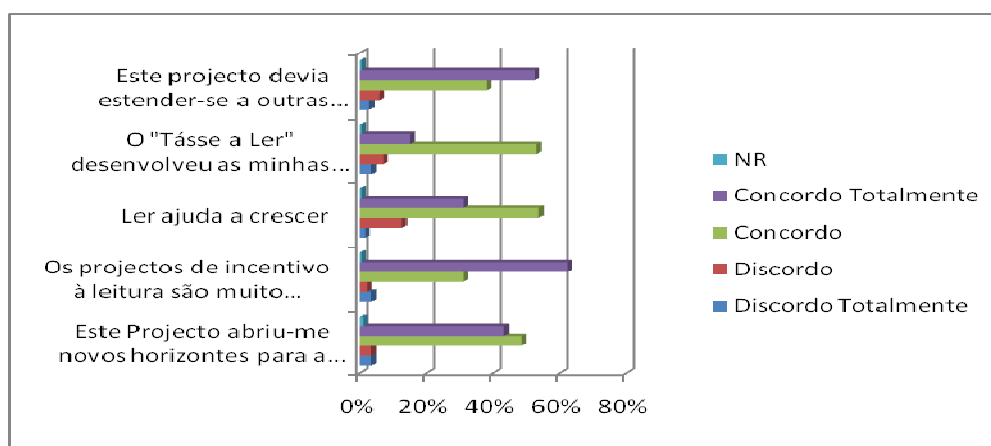


Gráfico 30 – Opinião acerca das seguintes frases

Na sua larga maioria os inquiridos diz concordar ou concordar totalmente com a importância destes projectos e com a sua contribuição para o seu crescimento pessoal e como leitores, além de concordarem com a abertura deste tipo de trabalho a outras turmas.

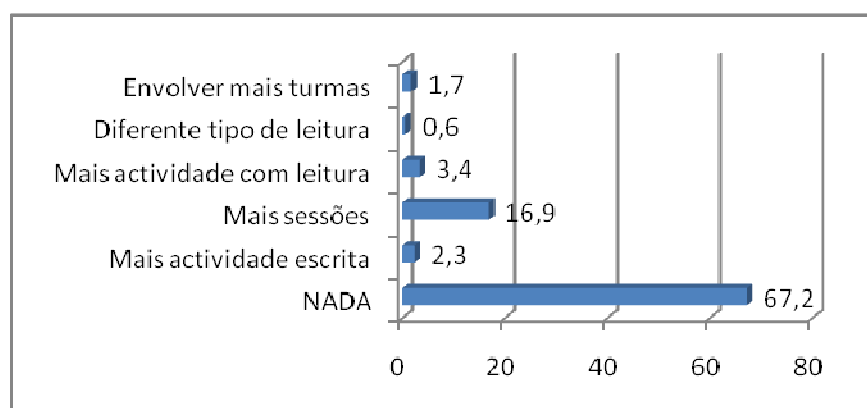


Gráfico 31 – Sugestões para o projecto

A última questão pretendia recolher sugestões que nos pudessem ajudar a melhorar o trabalho desenvolvido mas a grande maioria, à questão “O que

mudarias neste projecto”, Nada (67,2%), enquanto 16,9% sugeriu mais sessões. Pequenas percentagens, mas não menos importantes sugeriam o envolvimento de mais turmas, mais actividade com a leitura e diferentes tipos de leitura que o mediador e todos os responsáveis no projecto terão em conta nos próximos projectos.

Em jeito de conclusão podemos tirar diversas ilações dos resultados apresentados no inquérito de avaliação do projecto. Assim sendo os maiores dados prendem-se com a importância deste tipo de projecto para a criação de competências de leitura nos jovens que mais dificuldades apresentam nesta matéria, e os benefícios que daí advêm e que se tornam deveras importantes no seu percurso enquanto membros de uma sociedade em constante evolução.

Podemos afirmar que a aceitação deste projecto é indiscutível bem como o crescimento e aumento de competências leitoras no público envolvido.

Entretanto, parece-nos haver muito trabalho por fazer o que não pode esmorecer pois não dando continuidade ao trabalho o que se fez pode perder-se irremediavelmente.

11. Outras Avaliações

11.1 Breve avaliação das restantes acções

Não tendo sido o objectivo deste trabalho avaliar as restantes actividades que fizeram parte deste projecto, não queremos deixar de tecer algumas considerações acerca daquilo que vimos e ouvimos.

Eu Sou Tu – A acção “Eu Sou Tu” foi uma actividade pontual direccionada a turmas dos cursos CEF das diferentes escolas. Esta actividade bastante prática e movimentada cativou bastante bem este tipo de aluno. No entanto esta dinâmica perde-se quando só se realiza um só encontro da turma com o mediador, acabando por não se perceber muito bem o resultado da mesma.

Este tipo de público é diferente dos restantes grupos devido à idade e às dificuldades que a grande maioria apresenta em termos de conhecimentos e até

de comportamentos. Assim parece-nos imprescindível criar acções de continuidade com este público.

Rio de Contos – Esta actividade pretendia deslocar o livro do seu habitat mais conhecido, a Biblioteca, e colocá-lo em locais diferentes demonstrando que este pequeno grande objecto de saberes cabe em qualquer sítio e pode ser uma óptima companhia. Assim, com a ajuda dos contadores de histórias Miguel Horta e Thomas Bakk realizaram-se sessões, nos cinco concelhos, em bares previamente escolhidos para o efeito. Nessas sessões cada Biblioteca fazia uma selecção de livros e transportava-os para os locais a fim de conquistar novos leitores e incentivar os que já o são com títulos sugestivos que demonstrassem um pouco de tudo aquilo que se pode encontrar numa biblioteca. Além disso, estes serviços poderiam fazer novas inscrições e empréstimos na mesma hora. As sessões de conto correram todas muito bem, com muita gente de diferentes faixas etárias a participar e a interagir de tal forma com os contadores de histórias que levou a que estas sessões se prolongassem noite dentro com muito divertimento. Desta acção resultaram, em pelo menos dois concelhos, novos leitores e alguns empréstimos.

Num olhar geral pela acção concluímos que é importante aproximar a biblioteca da população e para isso torna-se totalmente indispensável promover acções onde a descontração e a originalidade imperem, para que de uma vez por todas as pessoas olhem para a Biblioteca como um local aprazível onde podem passar bons tempos na companhia de bons livros e boas leituras e aceder à cultura.

Camões um Poeta Rap - O espectáculo, destinado a jovens do 8^a e 9^o ano, é excelente enquanto promotor da obra e do escritor Luís Vaz de Camões, para o público jovem que se pretende sensibilizar para a arte da escrita e, neste caso concreto, para a sua qualidade, beleza e contemporaneidade.

Perante o comportamento dos jovens, bastante irreverente, e demasiada passividade por parte dos professores em geral, diríamos mesmo com uma postura de ausência perante tanta agitação, sentimos que este espectáculo

poderia ser mais rentabilizado para jovens do 10º ao 12º ano, que também leccionam o autor no programa de língua portuguesa. No entanto, também nos pareceu que estes jovens têm necessidade de ser confrontados com situações novas, que promovam a sua maior socialização, a par do enriquecimento educativo e cultural.

11.2 Outras avaliações

Além da avaliação feita aos alunos, quisemos também perceber a perspectiva dos professores envolvidos e pedimos algumas opiniões. Passamos a transcrever a única que recebemos:



Agrupamento Vertical de Escolas Território Educativo de Coura

ESCOLA E. B. 2,3/S DE PAREDES DE COURA

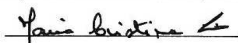
Relatório Final do Projecto *Tasse a Ler* - 7ºB

O projecto *Tasse a Ler* foi deveras muito enriquecedor para alunos e professores.

Começou por ser um momento estranho devido à sua dinâmica peculiar e pouco usual na prática lectiva destes alunos, mas logo se transformou num encontro desejado e esperado para alunos que não mostravam qualquer empatia com as letras e os livros. Não considero que tivesse havido qualquer aspecto negativo, havendo apenas a salientar os seus aspectos positivos, como a dinâmica das sessões, as metodologias utilizadas pelo escritor Miguel Horta, que conseguiu cativar, interessar e, acima de tudo, levar os alunos a escrever e ler a textos com gosto, dedicação e por iniciativa própria.

Considero essencial este tipo de projecto para complementar o ensino da língua, criando novos leitores e alunos interessados em aprender a sua língua materna.

A professora da disciplina



(Maria Cristina Lima)

Além de não termos mais opiniões escritas, obtivemos algumas opiniões orais aquando da realização das actividades e todas elas convergem para a necessidade da continuação deste tipo de projecto concordando todos que o “Tásse” a Ler contribuiu para o desenvolvimento das capacidades leitoras e da imaginação dos seus alunos.

Capítulo V - Conclusões e trabalho futuro

12. Conclusões

O grande objectivo que moveu a Rede de Bibliotecas do Vale do Minho foi encontrar respostas para a ausência de hábitos de leitura em grupos de pré-adolescentes com problemas de insucesso e riscos de abandono escolar.

Outro motivo resulta da busca de actividades de promoção da leitura para este tipo de público pois são poucas as actividades realizadas para o 3º ciclo do Ensino Básico. Tivemos consciência que promover a leitura junto de um público numa idade de transição como esta era acima de tudo uma aventura com resultados imprevisíveis sendo, segundo alguma literatura, nesta idade que acontece um maior afastamento da leitura.

Chegou o momento de fazermos uma reflexão profunda acerca do trabalho desenvolvido e dos resultados obtidos. Arriscamos afirmar que das maiores conclusões que podemos tirar de todo este projecto é a de que todos ficamos a ganhar com ele.

A Rede de Bibliotecas do Vale do Minho tiveram, durante todo este período, a oportunidade de realizar actividades de promoção da leitura e escrita com qualidade e com alguma continuidade junto de jovens/adultos permitindo conquistar novos leitores/utilizadores dos nossos serviços.

Com a ajuda do mediador cultural, Miguel Horta, conseguimos alargar os nossos conhecimentos de forma a actualizar a bibliografia juvenil adequando-a às faixas etárias envolvidas, bem como enriquecer pessoal e profissionalmente as equipas de trabalho de cada biblioteca, através das oportunidades proporcionadas pelo projecto no seu todo e do trabalho em equipa intermunicipal.

Para as equipas das bibliotecas é uma oportunidade para reforçar laços com os jovens, perceber que livros procuram na biblioteca, conversar com os jovens, formar leitores (como encontrar os livros que procuram e/ou que livros se encontram na biblioteca) não esquecendo o material multimédia muito procurado

por estes jovens e ferramentas fundamentais para atingir os objectivos. O aumento de empréstimo domiciliário irá exigir da parte da equipa da biblioteca municipal uma atenção cada vez mais personalizada. Não sendo invasivos, mas estando actualizados, melhorando o nosso conhecimento sobre livros que existem na biblioteca e que possam ser interessantes para os jovens destas idades em geral e particularmente dos jovens que estão integrados neste projecto.

É importante salientar também o envolvimento dos professores bibliotecários (onde existem) e dos professores de língua portuguesa que, sem generalizar, se envolveram de forma a estabelecer laços de proximidade entre escola, biblioteca escolar e biblioteca municipal. Este ponto é muito relevante pois eles são actores importantes na continuidade deste trabalho e no enraizamento de tudo aquilo que neste projecto foi criado e explorado.

Para contornar a falta de atenção de alguns dos docentes, particularmente no caso em que não houve continuidade em contexto de sala de aula, na conclusão/correção de alguns dos textos criados pelos jovens nos ateliês, será conveniente ter consciência da importância de motivar os professores para dar continuidade ao projecto em contexto escolar e ajudar a fomentar a leitura em momentos de lazer dos jovens e, para isso, deveremos reforçar a nossa atenção para alimentar essa motivação nos docentes.

Um ponto de destaque no papel das 5 bibliotecas envolvidas vai para a Biblioteca de Melgaço, onde o projecto foi recusado pela EB2,3/S e apoiado pela Escola Profissional, escola esta que conta agora com um projecto para criação de um pólo da Biblioteca Municipal, permitindo abrir novos horizontes de leitura num público cuja faixa etária difere de todos os outros bem como a multiculturalidade ali existente.

Quanto às conclusões que podemos tirar dos inquéritos feitos aos jovens inquiridos, começamos por dizer que a diferença entre concelhos não é significativa, exceptuando o concelho de Melgaço onde as disparidades são mais realçadas devido à diferença de idades dos grupos envolvidos. Mas no geral os

inquiridos dizem frequentar a biblioteca (principalmente a escolar) e ler alguma coisa. Mas este ler não significa ter hábitos de leitura, alguns lêem porque os conteúdos programáticos de alguma disciplina assim os obriga e isso comprova-se quando os questionamos acerca do número de livros que leram e dos títulos que mencionaram, ou seja, na maioria leu entre 1 e 3 livros cuja nacionalidade dos autores é a portuguesa. Mas devemos também ter em conta que a maior razão que os leva a ler é ser “uma forma de aprender” mas também muitos lêem por prazer e divertimento. Também nos parece que a leitura vai sendo uma conversa habitual entre estes jovens e isso reflecte-se nas respostas que deram quando questionados acerca da razão que os leva a ler novos livros onde responderam que geralmente o fazem por indicação de um colega ou porque conhecem a obra e o autor.

É importante realçar que a maioria afirma que o acto de ler é uma actividade que gostam de fazer sozinhos e em casa. Somente uma pequena percentagem escolhe, por exemplo, a biblioteca para ler, o que nos leva a pensar no papel desta perante alunos que até dizem frequentar a biblioteca mas que quando confrontados com as perguntas referentes ao livro e à leitura parecem não o fazer por esse motivo.

As questões acerca dos instrumentos multimédia podem vir a responder um pouco à percentagem de alunos que frequentam a biblioteca, pois a procura de ferramentas tecnológicas é grande e habitual, marcada essencialmente pelo uso de computadores e dvd's. Na sua grande maioria, estes jovens vêem séries e telenovelas e, esta questão, leva-nos a pesar o tempo que têm para dedicar à leitura, sendo que fazendo uma leitura a algumas estatísticas das bibliotecas, podemos ver que os serviços de multimédia e internet alcançam números significativamente mais altos que os dos restantes serviços. Uma reflexão acerca destes números deve levar-nos a ponderar o uso destas ferramentas a favor da promoção do livro e da criação de hábitos de leitura.

Os resultados obtidos no inquérito final demonstram que qualquer projecto dedicado à criação de hábitos de leitura tem êxito sempre e quando direcione as suas acções a um público-alvo tendo em conta as suas características e faixas

etárias. Sendo assim, a grande maioria dos inquiridos afirma ter gostado imenso de participar no projecto e que as acções desenvolvidas lhes permitiram aumentar o seu interesse pela escola e pela leitura. Muitos atestaram ler mais do que liam anteriormente, no entanto, podemos presumir que estes números podem estar ligados ao facto das bibliotecas terem adquiridos novos títulos, aconselhados pelo mediador cultural, cujos títulos “ousados” levaram à curiosidade da sua leitura.

Isto reflecte-se também na leitura que fizemos acerca do serviço de empréstimo nas bibliotecas que nos levou a concluir, que o empréstimo domiciliário feito pelo universo de alunos envolvidos no projecto, aumentou mas que esse aumento é pouco significativo. Deste universo importa salientar os alunos que se inscreveram pela primeira vez requisitaram pelo menos um livro, mas que a continuidade de requisições foi diminuta e, em muitos casos, inexistentes. Alguns alunos já eram leitores antes do início do projecto e mantiveram o seu ritmo de leitura e/ou intensificaram esse ritmo ligeiramente, outros, eram leitores até há dois/três anos, deixaram de o ser e retomaram empréstimo domiciliário a partir do seu envolvimento no projecto. Mesmo assim ainda existe uma boa percentagem que não tinha o hábito de requisitar livros e que continua sem o fazer.

Deste resultado podemos tirar duas ilações; primeiro é mesmo muito importante adequar o fundo bibliográfico aos diferentes grupos etários, cabendo este trabalho às equipas das bibliotecas (quer escolares, quer municipais), passando pelos professores que podem aconselhar a aquisição de algum título específico e, segundo, este trabalho de incentivo não pode ser pontual, todos os agentes envolvidos devem continuar a trabalhar, a sensibilizar e a motivar para a leitura.

Mais uma vez detectámos, na leitura dos resultados, que as acções com recurso a ferramentas audiovisuais são as preferidas. O que nos leva a reafirmar a importância de as utilizarmos a nosso favor para alcançar os objectivos propostos, pois achamos estar provado que a interacção livro/audiovisuais/tecnologias é possível e indispensável na nova sociedade da informação, demonstrando também que a leitura pode ser uma actividade lúdica e simultaneamente de aprendizagem.

Reflectindo sobre a importância do presente estudo podemos começar a avaliar o papel dos educadores na criação de hábitos de leitura, acto que desde muito cedo deve fazer parte do quotidiano de todos para que pouco a pouco seja interiorizado como uma ferramenta de estudo, de conhecimento e de crescimento pessoal e profissional. Na mesma linha de orientação, temos de avaliar o papel das bibliotecas escolares e municipais na promoção da leitura e dos serviços que promovem tendo em conta o espaço físico e cultural que ocupam, avaliando os públicos que as rodeiam e as necessidades existentes de forma a colmatar falhas e a criar um serviço de resposta actual e diversificado sem deixar de responder aos seus maiores objectivos, promover o livro e a leitura a todos utilizando os mais diversificados meios e suportes e adaptando-os às exigências actuais dos nossos jovens.

Tudo isto se resume à ideia de que é sempre positivo proporcionar um motivo para falar de livros, dar a conhecer novos livros, partilhar leituras...

13. Trabalho Futuro

No final deste trabalho e após uma longa conversa entre os responsáveis intervenientes no projecto, decidiu-se que a sua continuidade era fundamental para a obtenção de resultados mais profundos e alicerçados. Decidiu-se assim que no próximo ano as turmas envolvidas na acção “escrita mal comportada” terão mais duas sessões e que as outras duas acções (eu sou tu e Camões um poeta rap) também seriam desenvolvidas com novos grupos. Esta continuidade implica gastos extras mas a opinião geral fundamenta-se na importância dos resultados obtidos, com a opinião de que com uma maior intensificação de actividades ligadas ao livro os resultados serão mais abrangentes e positivos, criando hábitos de leitura mais alicerçados e contribuindo para o desenvolvimento cultural e pessoal dos nossos jovens e para a diminuição do insucesso e abandono escolar.

Bibliografia

Alarcão, M. de L. (1995). *Motivar para a leitura: estratégias de abordagem do texto narrativo*. Lisboa: Texto Editora.

American Library Association - ALA.(1989). *Report of the presidential committee on information literacy: final report*. [S.l.]. Disponível em : <http://www.ala.org/index.cfm~>

American Library Association (1989). *Inssucesso escolar - American Library Association - ALA. Report of the presidential committee on information literacy: final report*. Disponível em: <http://www.ala.org/ala/acrl/acrlpubs/whitepapers/presidential.htm>

Associação Portuguesa dos Editores e Livreiros (2002). *O livro em Portugal: hábitos de Leitura*. Lisboa: APEL. Disponível em: http://www.apel.pt/gest_cnt_upload/editor/File/apel/estudos_estatisticas/Habitos%20de%20Leitura%202004.pdf

Association of College and Research Libraries (2000) *Information Literacy competency Standards for higher education*. Chicago: American Library association. Disponível em : <http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/acrl/standards/standards.pdf>

Bell, Judith (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa:Gradiva.

Benavente, Ana et al, (1996). *A Literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Conselho Nacional de Educação.

Bogdan, Robert & Biklen, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Canavarro, J. (2004), *Eu não desisto. Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar*, Lisboa, Ministério da Educação/Ministério da Segurança Social e do Trabalho.

Carmo, H. & Ferreira, M. Manuela (1998). *Metodologia da Investigação: guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Castanho, M. da Graça Borges [s.d]. “ *O ensino da leitura nas escolas do 2º ciclo em Portugal: O contributo das bibliotecas públicas e escolares*”. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Disponível em: <http://badinfo.apbad.pt/Congresso9/COM106.pdf>

Cerrilho, Pedro, C. (2006). Literatura infantil e mediação de leitura, in Fernando Azevedo (Coord). *Língua Materna e Literatura Infantil: elementos nucleares para Professores do Ensino Básico*. Porto: Lidel

Chartier, R. (1997). *A ordem dos livros*. Lisboa: Vega.

Chartier, Roger. (2008). A mídia electrónica. Disponível em: <http://carlosscomazzon.wordpress.com/2008/12/26/a-midia-eletronica-segundo-roger-chartier/>

Erickson, F. (1986). Qualitative methods in research on teaching. in M. C. Wittrock. *Handbook of Research on Teaching*. Nova Iorque: Macmillan.

Falcão, António P.(1996). Intervenção de Abertura. *Cadernos BAD*,2, 9-14.

Ferreiro, Emilia (2003). *Nuevas lecturas, nuevos lectores..* Disponível em: http://www.taringa.net/posts/info/861531/Dra_-Emilia-Ferreiro_-Leer-y-escribir-en-un-mundo-cambiante.html

Furtado, J.A. (2002). *Enciclopédia e hipertexto: livro e leitura no novo ambiente digital*. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/afurtado/>.

Gonçalves, Albertino & Viana, Fernanda Leopoldina & Dionísio, Maria de Lurdes (2010). *Projecto dar vida às letras: promoção do livro e da leitura* [s.l]:

Comunidade Intermunicipal de Vale do Minho Disponível em: http://www.littera-apl.org/files/ficheiro/livro_dvl.pdf

Corte-Real, Maria José da Silva Mendes (2004). *Leitura e insucesso escolar: percursos de crianças "de risco" - um estudo de caso*. Braga: Universidade do Minho. Disponível em : <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/2782>

Hébert, Michel Lessard et al (2005). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

IASL (1993). *Declaração Política sobre Bibliotecas Escolares*. Disponível em: http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=iasl_declaracao.pdf

IFLA / UNESCO – Manifesto da UNESCO sobre as Bibliotecas Públicas (1994). Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>

Instituto Nacional de Estatística (2003). *Pesquisa por unidade territorial: Distrito de Viana do Castelo*. Disponível em: <http://www.ine.pt>.

Instituto Nacional de Estatística (2004). Anuário Estatístico da Região Norte.

Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (Março 1996). *Relatório sobre as bibliotecas públicas em Portugal*. Disponível em: <http://www.iplb.pt>.

International Federation of Library Associations and Institutions (2006). *Directrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares: versão em português*. Vila Franca de Xira: IFLA. Disponível em: http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=SchoolLibraryGuidelines_pt.pdf

International Federation of Library Associations and Institutions (1999). *Manifesto da Biblioteca Escolar*. Disponível em : <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portug.pdf>

International Federation of Library Associations and Institutions (s.d.) *Declaração da IFLA sobre as Bibliotecas e a Liberdade Intelectual*. Disponível em: http://www.ifla.org/faife/policy/iflastat/iflastat_pt.htm>.

International Federation of Library Associations and Institutions (2006). *Directrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares: versão em português*. Disponível em: http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=SchoolLibraryGuidelines_pt.pdf

Iturra, Raul (2007) “ Trabalho de campo e observação participante em Antropologia” in *Metodologias das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Jornal Expresso (2010) “*Portugal um país sem qualificações*”. Jornal Expresso. 01 de Maio de 2010

Lopes, João Teixeira & Antunes, Lina (1999) *Sobre a leitura: bibliotecas e hábitos de leitura: balanço de quatro pesquisas*. Lisboa: Instituto Português do Livro e das bibliotecas/Observatório de Actividades Culturais

Lopes, J. T. & Antunes, L. (2000). *Bibliotecas e Hábitos de Leitura: Instituições e Agentes. Relatório Síntese. Sobre a Leitura – Vol. V*. Lisboa: Instituto Português do Livro e das Bibliotecas/ Observatório das Actividades Culturais.

Magalhães, Ana Maria & Alçada, Isabel (1994). *Os Jovens e a leitura nas vésperas do Século XXI*. Lisboa: Editorial Caminho.

Manguel, Alberto (1998). *Uma História da Leitura*. Lisboa: Editorial Presença.

Marques, Ramiro (2002). *Ensinar a ler, aprender a ler: um guia para pais e educadores*. Porto: Texto Editora.

Mateus, Ana Maria Catambas Figueira (2009). *A promoção da leitura no 3º Ciclo : um projecto dinamizado pela biblioteca escolar*. Lisboa: Universidade Aberta.

Disponível em : <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/1365/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Ana%20Mateus.pdf>

Ministério da Educação (2001). *Resultados do Estudo Internacional Pisa 2000 (Programme for International Student Assessment)*. Gabinete de Avaliação Educacional.

Ministério da Educação (2009). *Apresentação dos resultados escolares 2008/2009*. Gabinete de Avaliação Educacional. Disponível em: <http://www.min-edu.pt/np3/4519.html>

Ministério da Educação (s.d.). *Medidas de combate ao insucesso escolar*. Disponível em: <http://www.min-edu.pt/np3/4148.html>

Ministério da Educação. (2006). *Plano Nacional de Leitura*. Disponível em: www.planonacionaldeleitura.gov.pt

Morais, J.(1997). *A arte de ler: psicologia da leitura*. Lisboa: Edições Cosmos.

NUNES, Henrique Barreto (1998) – *Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal* Braga: Associação dos Autores de Braga

Nunes, M. B. (1994). Bibliotecas Públicas, o livro para entender o mundo. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, 3,17-25.

Nunes, M. B. (2004). Bibliotecas públicas portuguesas na Internet, o meio é o serviço?. *Páginas a & b: arquivos & bibliotecas*, 13.

Paiva, Jacinta (2003). *As tecnologias de informação e comunicação: utilização pelos alunos*. Disponível em: <http://www.inovint.org/pdfs/tics/estudics01.pdf>.

Pennac, Daniel (1995). *Como um romance*. Porto: Edições Asa.

Qualitative Research. Thousand Oaks: Sage.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Santos, Elvira Moreira dos (2000). *Hábitos de leitura em crianças e adolescente*. Coimbra: Quarteto.

Santos, Maria de Lurdes L. dos (2007). (coord.). *A Leitura em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação.

Santos, N.L. & Gomes, Inês [s.d.]. *Literacia: da escola ao trabalho*. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/636/1/169-177FCHS2004-3.pdf>

Saur, K. G. (2001). *Os Serviços da Biblioteca Pública: directrizes da IFLA/UNESCO*. Mindelo: Editorial Caminho.

Sequeira, M^a Fátima (1989). Um Estudo dos Processos Cognitivos Determinantes do Sucesso na Aprendizagem da Leitura. Sugestões para a Elaboração de Novos Programas Escolares. In M^a de Fátima Sequeira & Inês Sim-Sim, *Maturidade Linguística e Aprendizagem da Leitura*. Braga: Universidade do Minho.

Sequeira, Maria de Fátima (2002). A Literacia em leitura. *Revista Portuguesa de Educação*, 15 (002),51-60.

Silva, Adelina Lopes da & Sá, Isabel de (1997). *Saber estudar e estudar para saber*. Porto: Porto Editora.

Silva, Augusto Santos Silva & Pinto, José Madureira (Orgs.) (2007). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Sim-Sim, Inês (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Sim-Sim, Inês (2001). A formação para o ensino da leitura. *Revista Portuguesa de Formação de Professores*, 1, 97-105

Sim-Sim, Inês (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: Edições Asa.

Sobrinho, Javier Garcia (2000). *A Criança e o livro: a aventura de ler*. Porto: Porto Editora.

Sousa, Rita Vieira de (2005). *Discursos Sobre A Leitura*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

Stake, R. E. (1994). Case Studies. in N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Ed.).

Stake, R. E. (1995) *The Art of Case Study*. Thousand Oaks: SAGE

Viana, F. L. & Teixeira, M. (2002). *Aprender a ler : da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições ASA.

Yin, R. (1994). *Case Study Research: design and methods*. London: Sage.

Zilberman Regina & Silva Ezequiel Theodoro (1991). *Leitura: perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo: Editora Ática S.A.

Anexos

Anexo I



Imagem do Projecto

Anexo II

Inquérito 1 – Início do Projecto



Questionário a alunos realizado no âmbito do Projecto “Tásse” a Ler!

1. Identificação/Caracterização

1.1 Nome _____ (Opcional)

1.2 Idade _____

1.3 Sexo: Masculino

Feminino

1.4 Nome da Escola: _____ Ano: _____

2. Hábitos de leitura

2.1 Frequentas a Biblioteca?

a) Sim

b) Não

Se a tua resposta foi não passa à questão 2.5

2.2 Qual?

a) Biblioteca Municipal

b) Biblioteca Escolar

c) ambas

2.3 Estás inscrito em alguma delas?

a) na Biblioteca Municipal

b) na Biblioteca Escolar

c) ambas

e) Nenhuma

2.4 Que serviços procuras na Biblioteca? (Podes assinalar mais que uma hipótese)

a) empréstimo

b) consulta na biblioteca

c) periódicos (jornais, revistas)

d) multimédia (música, filmes)

e) internet

f) animação da leitura (encontro de escritores, ateliês, etc.)

2.5 Para ti, ler é

(Assinala com um X a resposta que corresponde à tua opinião)

a) um prazer

b) um dever

c) um aborrecimento

d) um divertimento

e) uma descoberta

f) uma forma de aprender

g) uma forma de viajar

h) uma forma de sonhar

2.6 Onde costumava ler?

(Podes assinalar mais que uma hipótese)

a) em casa

b) na Biblioteca

c) no jardim

d) na praia

e) outro?

Qual? _____

2.7 Com quem lê

(Podes assinalar mais que uma hipótese)

a) Pai

b) mãe

c) avô/avó

d) irmão/irmã

e) professores

f) amigos

g) outra pessoa Quem? _____

h) ninguém

2.8 Assinala (com um X) as tuas preferências em relação aos seguintes tipos de livros:

	Gosto Muito	Gosto	Gosto pouco	Não gosto nada
a) Contos/histórias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) poesia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) aventuras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) teatro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) banda desenhada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) ficção científica/terror	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) policiais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h) livros científicos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
i) livros informativos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
j) outro: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.9 O que estás a ler neste momento?

Título: _____

Autor: _____

2.10 Qual a razão que te leva a ler um livro novo? (Podes indicar mais do que uma hipótese.)

a) Indicação de uma/um colega	<input type="checkbox"/>
b) conheço o autor	<input type="checkbox"/>
c) Conheço a colecção	<input type="checkbox"/>
d) indicação do professor	<input type="checkbox"/>
e) livro recomendado pela biblioteca	<input type="checkbox"/>
j) leitura obrigatória para a escola	<input type="checkbox"/>

g) oferta de familiares

h) outra situação Qual? _____

3. Multimédia

3.1 O que vês? (Podes indicar mais do que uma hipótese.)

	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
a) filmes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) séries	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) desenhos animados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) telenovelas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) documentários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) reportagens	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) videoclips	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) outras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quais? _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.2 Que meio utilizas para ver os teus programas preferidos? (Podes indicar mais do que uma hipótese.)

	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
a) Televisão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) DVD	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Computador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- | | | | | |
|--------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| d) Telemóvel | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| f) outros | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Quais? _____ | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

3.3 Indica alguns títulos daquilo que mais gostas de ver.

O questionário termina aqui. Agradecemos a tua colaboração

Anexo III

Inquérito 2 – Avaliação do Projecto



Questionário de Avaliação do Projecto “Tásse” a Ler!

1. Identificação/Caracterização

1.1 Nome _____ (Opcional)

1.2 Idade _____ 1.3 Sexo: Masculino Feminino

1.4 Nome da Escola: _____ Ano: _____

2. Avaliação

2.1 O Projecto “Tásse a Ler” correspondeu às tuas expectativas?

Sim

Não

Em parte

2.2 Qual das 3 sessões te agradou mais?

Livros com imagens – Poesia mal comportada

Filme/Livro

Museu das palavras

2.3 Este projecto ajudou-te a ganhar mais gosto pela leitura?

Sim

Não

2.4 Desde que integraste o “Tásse a Ler”, passaste a ler

Mais do que lias antes

Menos do que lias antes

O mesmo que lias antes

2.5 Quantos livros leste desde o início do projecto?

2.6 Este projecto aumentou o teu interesse pela escola?

Muito

Bastante

Pouco

Nada

2.7 Consideras que o calendário das sessões foi adequado?

Sim

Não

Em parte

2.8 Consideras que os locais de realização das sessões foram:

Adequados

Desadequados

2.9 Dá a tua opinião acerca do mediador do projecto (Miguel Horta).

(Podes escolher mais de uma opção)

Dinâmico

Comunicativo

Divertido

Criativo

Monótono

Antipático

Desinteressante

2.10 Após o início do projecto, a tua relação com os teus colegas

Melhorou

Piorou

Manteve-se

2.11 Gostarias de continuar a fazer parte de projectos como este?

Sim

Não

2.12 Diz se concorda ou não com as seguintes frases.

	Concordo	Concordo	Discordo
Discordo			
Totalmente			
Este Projecto abriu-me novos horizontes para a leitura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>			
Os projectos de incentivo à leitura são muito importantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>			
Ler ajuda a crescer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>			
O “Tasse a Ler” desenvolveu as minhas capacidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>			
Este projecto devia estender-se a outras turmas e escolas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>			

2.13 O que mudarias neste projecto?

O questionário termina aqui. Agradecemos a tua colaboração